

ANAIS DA

1ª

JAC 

**JORNADA DE ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

F L O R I P A

27 E 28 DE ABRIL DE 2018

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
I Jornada de Análise do Comportamento de Florianópolis**

jacfloripa.paginas.ufsc.br

1ª

JAC

JORNADA DE ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

FLORIPA

REALIZAÇÃO

Laboratório
Fator Humano



PATROCÍNIO



APOIO



Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

J82a

Jornada de Análise do Comportamento (2018 : Florianópolis, SC)
Anais da I Jornada de Análise do Comportamento de Florianópolis
[recurso eletrônico] / coordenação geral, Hélder Lima Gusso... [et al.]. –
Dados eletrônicos. – Florianópolis : CFH/UFSC, 2018.
62 p.: il.

Inclui bibliografia.

Evento realizado de 27 a 28 de abril de 2018, Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

ISBN 978-85-45535-65-2

E-book (PDF)

Disponível em: <<http://jacfloripa.paginas.ufsc.br>>

1. Psicologia – Congressos. 2. Análise do comportamento. 3.
Behaviorismo (Psicologia). I. Gusso, Hélder Lima. II. Título.

CDU: 159.9

Elaborado pelo bibliotecário Jonathas Troglio – CRB 14/1093



> **COORDENAÇÃO GERAL**

Dr. Hélder Lima Gusso
Dtda. Aline Battisti Archer
Caio Medeiros
Gabriel de Melo Cardoso
Thalia Bittencourt Rosa
Dr. Gabriel Gomes de Luca

> **COMISSÃO DE APOIO**

Dra. Joselma Tavares Frutuoso
Dra. Juliane Viecili
Dra. Jeisa Benevenuti
Dtdo. André Luiz Thieme
Dtda. Quele de Souza Gomes

> **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Dr. Gabriel Gomes de Luca (Org.)
Dr. Bruno Angelo Strapasson
Dra. Camila Muchon de Melo
Dr. Carlos Eduardo Costa
Dra. Carolina Laurenti
Dra. Dhayana Inthamoussu Veiga
Dtda. Fernanda Bordignon Luiz
Dra. Fernanda Gutierrez Magalhães
Dr. Geovane Testa Correa
Dra. Jocelaine Martins da Silveira
Dr. José Gonçalves Medeiros
Dra. Juliane Viecili
Dra. Lilian Margarete Machado

Dtda. Mariana Salvadori Sartor
Dra. Nádia Kienen
Dr. Robson Brino Fagiani
Ma. Talissa Palma Müller
Dra. Tatiany Honório Porto Aoki

> **DEBATEDORES DE PAINÉIS**

Dtda. Aline Battisti Archer
Dtdo. André Luiz Thieme
Dra. Andrea Schmidt
Ma. Elaine Cristina Luiz
Dtda. Fernanda Bordignon Luiz
Dr. Gabriel Gomes de Luca
Dra. Jeisa Benevenuti
Dra. Juliane Viecili
Dtda. Quele de Souza Gomes

> **MONITORES**

André Luiz de Souza
Débora Thais Klein
Franciellen Siqueira Dias
Ianka Marcele Silva Oliveira
Kamila dos Santos Simão
Karla Avila
Lucas Roberto Goulart
Marina Valério Dutra de Oliveira
Mayara Laís Massocco
Simara Torresani





APRESENTAÇÃO

A primeira Jornada de Análise do Comportamento de Florianópolis (**#JACFLORIPA**) visou promover acesso ao conhecimento em Análise do Comportamento em relação à atuação em campos profissionais, como clínica e saúde, bem como tornar acessível o conhecimento produzido na área, o qual orienta o trabalho profissional em Análise do Comportamento.

Em pesquisa realizada na UFSC em 2016, foi identificado que o Estado de Santa Catarina é um dos que menos oferece acesso ao conhecimento em Análise do Comportamento para a formação de psicólogos no país. E, até o momento, apenas dois eventos de divulgação científica sobre Análise do Comportamento foram realizados em Florianópolis, nos anos de 2007 e 2009.

Desde então, o acesso a esse conhecimento está restrito a poucas disciplinas ofertadas nos cursos de graduação da região. Nesse sentido, promover um evento que avalie as relações entre o conhecimento produzido em Análise do Comportamento e a intervenção em diferentes campos de atuação profissional se torna necessário.

O evento ocorreu na UFSC e foi organizado por um grupo de professores e alunos de diferentes instituições de ensino da região, e com apoio de professores e de instituições representativas da área de outras regiões do país.

A programação foi elaborada após amplo debate entre professores e alunos, orientados pelas principais necessidades identificadas na região. A programação proposta ao evento contemplou exame da atuação profissional do psicólogo em relação a diferentes fenômenos com alta relevância científica e social, tais como: aumento do sofrimento acadêmico entre graduandos e pós-graduandos e avaliação dos serviços de atendimento ao autismo.

O evento foi destinado para estudantes, profissionais e pesquisadores da área da Psicologia da região da grande Florianópolis, mas também aberto aos demais interessados de outras regiões do estado de Santa Catarina, bem como de outras regiões do país.

O evento ocorreu nos dias 27 e 28 de abril de 2018, com duração de 12 horas. Além da programação científica pré-definida, os participantes também submeteram trabalhos, de modo a possibilitar o exame das descobertas e as dificuldades encontradas pelos profissionais na região, ao lidar com diferentes tipos de fenômenos psicológicos a partir da Análise do Comportamento. Os resumos dos trabalhos submetidos ao evento foram avaliados por pareceristas *ad-hoc* e estão organizados neste anais.



SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO	8
RESUMOS EXPANDIDOS DAS PESQUISAS APRESENTADAS EM PAINÉIS	10
DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO DE COMPORTAMENTO GLOBAL DE UMA CRIANÇA COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA - <i>Eliane Viera, Cassiano Barbosa, Juliane Viecili e Trilce De Barros Heredia ...</i>	11
TREINAMENTO DE HABILIDADES EDUCATIVAS E INTERACIONAIS DE PAIS, MÃES E EDUCADORES/AS SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS - <i>Kamila dos Santos Simão e André Luiz Thieme</i>	13
ORIENTAÇÃO DE PAIS: PROGRAMAÇÃO E MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE BIRRA E AGRESSIVIDADE INFANTIL - <i>Franciellen Dias, Ianka Marcelle Silva Oliveira e Juliane Viecili</i>	15
TREINAMENTO DE HABILIDADES EDUCATIVAS PARENTAIS: ESTUDO DE CASO À LUZ DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO - <i>Jéssyka Costa, Lourdes Ferreira Araujo Stern e Juliane Viecili</i>	17
AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DO PROGRAMA DE QUALIDADE NA INTERAÇÃO FAMILIAR - <i>Beatriz Valentim Santos e Gabriel Gomes de Luca</i>	19
DESSENSIBILIZAÇÃO SISTEMÁTICA POR IMAGEM NA PRÁTICA CLÍNICA - <i>Patrícia Zogbi dos Santos, Jeisa Benevenuti e Kamila dos Santos Simão</i>	21
TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CLIENTES COM ANSIEDADE SOCIAL - <i>Patrícia Zogbi dos Santos e Jeisa Benevenuti</i>	23
PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS NA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNO DE HUMOR NA VIDA ADULTA: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DE DOIS CASOS - <i>Emily Corrêa Oliveira e Ana Paula Viezzer Salvador</i>	25
AVALIAÇÃO DA DIMENSÃO ÉTICA DO COMPORTAMENTO DO TERAPEUTA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL - <i>Kamila dos Santos Simão, Patrícia Zogbi e Jeisa Benevenuti</i>	27
O TERAPEUTA COMO AUDIÊNCIA NÃO-PUNITIVA? UM EXAME SOBRE CONTROLE AVERSIVO EM MANUAIS DE PSICOTERAPIA ANALÍTICO-FUNCIONAL (FAP) - <i>Fanny Bohnenberger Ruschel e Gabriel Gomes de Luca</i>	29

PERCEPÇÃO DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS SOBRE O IMPACTO DE SEUS VALORES PESSOAIS NA SUA ATUAÇÃO CLÍNICA - *Elisa Smile Teixeira de Oliveira e Ana Paula Viezzer Salvador* 31

PROGRAMAS COMPORTAMENTAIS PARA MANEJAR COMPORTAMENTOS-PROBLEMA APRESENTADOS POR ALUNOS EM AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA - *Bruno Souza Soares, Thalita Vieira Thomé e Fernanda Bordignon Luiz* 33

COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR QUE PROMOVEM DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES - *Gabriel de Melo Cardoso, Emanuel Aparecido Peixoto e Mauro Luís Vieira* 35

EFEITOS DO FEEDBACK POSITIVO NO COMPORTAMENTO DE COOPERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS - *Carla Caroline Silva Bastos, Gabrielle Camilo Xavier e Fernanda Gutierrez Magalhães* 38

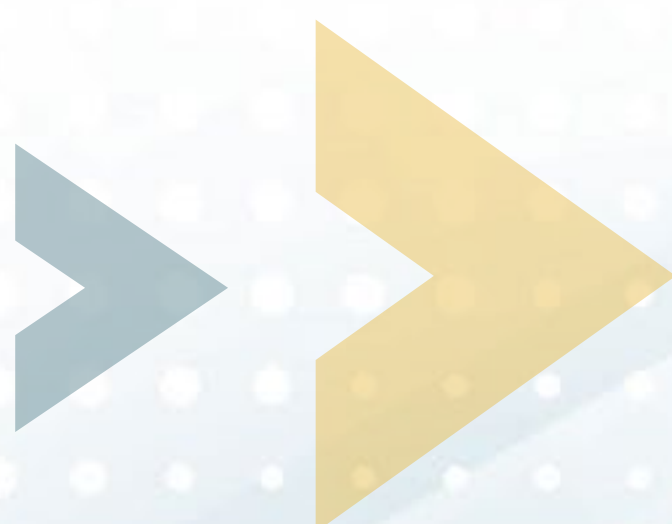
RELAÇÃO ENTRE SINALIZAÇÃO E TEMPO DE PAUSAS EM TAREFAS DE CORRIDA - *Guilherme Lauro Hoffmann, Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira e Fernanda Bordignon Luiz* ... 40

CONTRIBUIÇÕES DO LABORATÓRIO DIDÁTICO DE ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO NA PERSPECTIVA DE ALUNOS EGRESSOS DA DISCIPLINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA - *Nathalin Fernanda da Silva de Almeida, Leonardo Cordeiro Svidzinski de Paulo, Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira, Gabriela Duarte Pimentel, Andrey Santos Souza, Fernanda Bordignon Luiz e Mariana Salvadori Sartor* 42

ENSINO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL: CARGA HORÁRIA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO E COMPORTAMENTOS - OBJETIVO DERIVADOS A PARTIR DE PLANOS DE ENSINO - *Hélder Lima Gusso, Aline Battisti Archer, Thalia Rosa Bitencourt, Gabriel de Melo Cardoso e Caio Medeiros de Oliveira* 45

MAPA COMPORTAMENTAL COMO RECURSO PARA ORIENTAR O ENSINO DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL “COMUNICAR UMA MENSAGEM” EM UMA ORGANIZAÇÃO - *Caroline Nunes Magalhães e Aline Battisti Archer* 48

FOTOS DO EVENTO 51





PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

27 DE ABRIL – SEXTA-FEIRA

08H – CREDENCIAMENTO

08H30 – ABERTURA DO EVENTO

Prof. Dr. Hélder Lima Gusso (UFSC)

Profa. Dra. Joselma Tavares Frutuoso (UFSC)

Prof. Dr. Íuri Novaes Luna (UFSC)

Profa. Dra. Juliane Viecili (UNISUL)

Profa. Dra. Jeisa Benevenuti (UNIFEPE)

09H – FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS PARA COMPREENSÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COMO UMA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA

Prof. Dr. Sílvio Paulo Botomé (UFSC) e Prof. Dra. Olga Mitsue Kubo (UFSC)

Prof. Dr. Isaías Pessotti (USP) como debatedor

12H – INTERVALO PARA ALMOÇO

14H – A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E O CUIDADO A IDOSOS: GERONTOLOGIA COMPORTAMENTAL

Profa. Dra. Andreia Schimidt (USP)

15H30 – FALSAS MEMÓRIAS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Profa. Dra. Natalia M. Aggio (UFSCar)

17H – APRESENTAÇÃO DE PAINÉIS

18H – INTERVALO

19H – ESCRITA ACADÊMICA E SOFRIMENTO MENTAL: UM DILEMA CENTRAL PARA UMA VIDA ACADÊMICA SATISFATÓRIA

Prof. Dr. Robson Nascimento da Cruz (PUC-MG)

21H – ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO DIA



28 DE ABRIL – SÁBADO

09H – LOUCURA E PAIXÃO

Prof. Dr. Isaías Pessotti (USP)

10H30 – A QUARTA GERAÇÃO DE TERAPIAS COMPORTAMENTAIS

Profa. Dtda. Juliana Helena Abreu (IACC)

Prof. Dra. Olga Mitsue Kubo (UFSC) como debatedora

12H – INTERVALO PARA ALMOÇO

14H – ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Prof. Dra. Maria Martha Hubner (USP)

17H – ENCERRAMENTO DO EVENTO





FLORIPA

**RESUMOS EXPANDIDOS
DAS PESQUISAS
APRESENTADAS EM PAINÉIS**





DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO DE COMPORTAMENTO GLOBAL DE UMA CRIANÇA COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eliane Viera, Cassiano Barbosa, Juliane Viecili e Trilce de Barros Heredia

É grande a aceitação de intervenções de Análise do comportamento aplicada com crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA). O sucesso no atendimento com crianças com TEA remete, entre outros, a uma intervenção caracterizada como a) intensiva, b) individualizada e compreensiva, c) que garanta um terapeuta por criança nos diversos contextos. Nesses três aspectos, é possível observar a possibilidade de um acompanhamento mais efetivo e intensivo com a criança, podendo ser realizado através de acompanhamento terapêutico (AT). Este trabalho visa apresentar o relato de experiência em estágio não obrigatório de dois acadêmicos de psicologia que acompanham uma criança diagnosticada com TEA nas atividades em casa e na escola buscando estimular comportamentos que possibilitem desenvolvimento global da criança. A criança acompanhada será chamada pelo nome fictício de Caio, tem dois anos e seis meses. Com um ano e 10 meses, foi diagnosticado com TEA. Caio iniciou a psicoterapia baseada na ABA e em sua avaliação inicial, e observou-se que ainda não falava, apresentava dificuldade no contato visual, nas habilidades sociais e, na escola, engajava-se apenas em suas próprias brincadeiras ou em estereotípias, apresentava pouca autonomia para transitar nos espaços, em sua alimentação e necessidades básicas. Após avaliação, foram selecionados dois estudantes de Psicologia como AT's da criança. Um acompanhava a criança pela manhã na escola e o outro a tarde em casa. O AT de casa tem como tarefa principal aplicar programas para o desenvolvimento de habilidades, e garantir a generalização dos comportamentos. O AT da escola auxilia na execução de tarefas escolares e na generalização dos comportamentos treinados, adequando ao contexto social. Os programas contemplavam o desenvolvimento de habilidades de interação social e motoras, generalização de conteúdos aprendidos, desenvolvimento da linguagem, compreensão e seguimento de regras. Para obtenção dos resultados utilizou-se de hierarquia de dicas para auxiliar Caio a emitir as respostas desejadas, bem como reforço positivo. O processo de treino consistia em: a) apresentação de estímulos; b) ajuda física, leve ou gestual no treinamento de respostas motoras; c) no caso de respostas verbais ecóicas ou intraverbais e de contato visual, utilizaram-se dicas verbais, ajuda física, leve ou gestual, com as respostas seguidas de reforços positivos. A cada estímulo, resposta da criança e ajuda utilizada, registrou-se o comportamento de Caio.



Conforme treinava para a realização de uma atividade reduziam-se as dicas e reforços (*fading out*) até emitir as respostas adequadas com independência. Para obtenção e análise dos dados referente ao desenvolvimento de repertório verbal e social foram utilizados protocolos de registro e vídeos das sessões. Após cinco meses de intervenção, Caio obteve ampliação do seu repertório em todos os âmbitos: nos programas de comunicação, a criança passou a utilizar gestos, verbalizações para chamar a atenção e fazendo “sim” e “não” com as mãos; respostas ecóicas, em especial, sons de alguns bichos, passou a fazer nomeações. No programa da música verbaliza de forma intraverbal músicas diferentes. O contato visual varia em olhar e não olhar quando engajado em uma atividade. Observa-se desenvolvimento na execução de comandos. Apresenta reciprocidade socioemocional, envolvimento direto e contato físico com os colegas, bem como, concentração sobre as atividades, jogos e brincadeiras. Nas atividades de imitação e coordenação motora ampla e fina. No programa de mando, Caio iniciou apontando os desejos de interesse, passou a utilizar “dá”, e agora já pede de forma verbal itens de seu interesse. Mantém postura de ouvinte no programa de contação de história, aponta aos personagens e verbaliza de forma intraverbal quando solicitado pela AT. Passou a sequenciar histórias lógicas, emparelhar arbitrariamente. Diariamente preenche seu quadro de rotinas com o auxílio da mãe e da AT. Caio tem identificado com total autonomia a imagem das rotinas, porém não verbaliza. Apresenta habilidades motoras mais autônomas, como alimentar-se sozinho e permanecer e transitar pelos espaços escolares nos momentos adequados. Assim, identificou-se que realizar um acompanhamento intensivo e constante para aplicação de programas com objetivos, forma de execução e registros claros, que possibilitam a análise dos resultados do trabalho com a criança tem possibilitado ampliação do repertório comportamental da criança. O acompanhamento terapêutico possibilitou melhora significativa no desenvolvimento global da criança.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** ABA (Análise Aplicada do Comportamento); TEA (Transtorno de espectro Autista); Acompanhamento terapêutico.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Eliane Viera - Aluna curso de Psicologia da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). Estagiária: estágio não obrigatório. E-mail: elianevierapsico@gmail.com

Cassiano Barbosa - Aluno curso de Psicologia da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). Estagiário: estágio não obrigatório. E-mail: cassiano.psique@gmail.com

Juliane Viecili - Professora do curso de Psicologia da UNISUL. Doutora em Psicologia. Orientadora acadêmica. E-mail: juliane.viecili@unisul.br

Trilce de Barros Heredia - Psicóloga do Grupo de Intervenção Comportamental Gradual. Analista do comportamento. Supervisora local. E-mail: trilcebarros@gmail.com



TREINAMENTO DE HABILIDADES EDUCATIVAS E INTERACIONAIS DE PAIS, MÃES E EDUCADORES/AS SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS

Kamila dos Santos Simão e André Luiz Thieme

O presente estudo é resultado de intervenções realizadas no Estágio Específico I de Psicologia, realizado em uma escola pública, tendo como público alvo educadores sociais e pais de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista (TEA). O TEA se caracteriza por déficits persistentes nas áreas de comunicação e interação social e pela presença de padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, podendo ocasionar prejuízos no funcionamento social do sujeito. No caso de crianças com TEA, os principais influenciadores de seus comportamentos são os adultos, como os pais, professores e educadores. Foi objetivo avaliar como intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicadas contribuem para as habilidades de educadores sociais e dos pais das crianças com diagnóstico de TEA por meio das intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (do inglês *Applied Behavior Analysis*, com abreviação ABA), proporcionando aos participantes momentos de orientação, reflexão e esclarecimentos a fim de tornar as relações destes com as crianças um fator que favoreça o bem estar de ambos. A ABA apresenta vastos resultados favoráveis no que se refere ao tratamento do TEA e no treinamento de pais e cuidadores, sendo imprescindível então compreendê-la como ciência empírica, capaz de avaliar e explicar, por meio da verificação de antecedentes e consequentes de um determinado comportamento, buscando intervir na sua modificação. As intervenções ocorreram ao longo do semestre e foram realizadas duas observações do comportamento das crianças, sendo uma inicial e outra final; oito encontros com as educadoras sociais e quatro com os pais e mães. Na escola, havia oito crianças diagnosticadas com o TEA todas do sexo masculino e com idade entre sete a 10 anos, as quais eram acompanhadas cada uma por uma educadora social ao longo do ano letivo. Houve observação dos comportamentos das crianças, buscando compreender as interações destas no ambiente escolar, pois a escola é um local rico em interações sociais, o que tornou possível compreender elementos de como cada criança interagia com terceiros e então. As observações foram realizadas por registro contínuo categorizado, observaram-se comportamentos relacionados aos critérios diagnóstico do TEA (padrões estereotipados, autolesão, olhar fixo em um determinado local/objeto, início e respostas de interações sociais). A proposta desenvolvida com os pais, mães e educadoras/es sociais era realizada a cada semana dois encontros (um matutino e outro vespertino), destinados ao público da semana, que poderia ser os pais ou os educadores sociais. Em média, participavam nove educadoras a cada encontro destinado a esse grupo, e quatro pais/mães por encontros destinados a eles, a psicopedagoga da escola compareceu em todos os encontros de ambos os públicos.



A participação dos membros era de caráter voluntário e o planejamento de cada intervenção era realizado antecipadamente em relação a cada encontro, buscando atender a demanda dos integrantes, os quais confirmavam previamente sua presença. Nesses encontros, eram desenvolvidas atividades, apresentação e debates de vídeos, dinâmicas e orientações relacionadas aos conceitos de reforço, punição, condicionamento operante e análise funcional, para que o público pudesse compreender e praticar as relações que favorecem comportamentos com consequências favoráveis para o bem-estar social e relações saudáveis, tornando isso um aspecto relevante para o desenvolvimento. O último encontro teve como diferencial a proposta de *feedback* dos participantes, buscando compreender quais mudanças ocorreram por meio das intervenções realizadas. As orientações se mostraram efetivas quando os/as educadores/as relataram que demonstrações de cuidado, afeto e elogios descritivos como forma de reforço positivo, passaram a ser adotadas por eles e repercutiram nos comportamentos das crianças. Duas das participantes relataram que com a realização dos encontros as práticas que envolvem reforço tornaram-se presentes no processo de ensino e aprendizagem. Uma participante relatou que acordos para com as crianças passaram a ser mais frequentes e, com isso, a realização de atividades por parte das crianças aumentou, pois estas são recompensadas quando realizam uma determinada atividade. Quanto aos pais e mães não foi possível obter *feedback*, pois estes não conseguiram participar dos últimos encontros por questões de trabalho, entretanto, relataram no final de cada encontro que participaram que colocavam em prática o que estavam aprendendo, principalmente no que se refere às questões de recompensar comportamentos adequados. Evidencia-se o aprimoramento das práticas estabelecidas com as crianças, sendo que as relações que, segundo os/as participantes, tornaram-se mais agradáveis após a realização dos encontros, não somente foi possível compreender mais acerca do comportamento das crianças, como também interagir melhor com estas. Considera-se que com o desenvolvimento de tais práticas, houve aumento de relações reforçadoras para as crianças, pois os responsáveis passaram a exercer práticas de cuidados efetivas. Cabe mencionar a relevância de tal trabalho ser desenvolvido com o público alvo da pesquisa, pois estes são os que mais convivem com as crianças e, além disso, fazem parte de uma parcela da comunidade que nem sempre tem o privilégio de ter acesso ao conhecimento científico e acompanhamento na prática.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise do comportamento aplicada; Transtorno do espectro autista; Treinamento de pais.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Kamila dos Santos Simão - Acadêmica do 10º período de Psicologia no Centro Universitário de Brusque - kamila_s.santos@unifebe.edu.br

André Luiz Thieme - Professor dos cursos de psicologia no Centro Universitário de Brusque e na Faculdade Avantis. Doutorando em Psicologia e Mestre Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia da UFSC - andrethieme@unifebe.edu.br



ORIENTAÇÃO DE PAIS: PROGRAMAÇÃO E MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE BIRRA E AGRESSIVIDADE INFANTIL

Franciellen Dias, Ianka Marcelle Silva Oliveira e Juliane Viecili

A orientação de pais tem se constituído uma importante estratégia interventiva sobre comportamentos infantis. Com base em tal fato, é relatado um estudo de caso no qual foi realizado um processo de Orientação de Pais, como atividade de um estágio básico do curso de Psicologia, de uma criança cuja queixa da mãe era a necessidade de eliminar comportamentos de birra e agressividade nos ambientes familiar e escolar. Este consistiu em um processo de programação e modificação de comportamento (baseado nos princípios de programação de ensino, que envolvem análise do comportamento-problema, proposição de comportamento-objetivo, planejamento e execução do programa e avaliação de resultados). Os comportamentos de birra e agressividade, que podem ser classificados como comportamentos “externalizantes” (comportamentos emitidos contra o ambiente físico ou social, tais como oposição, agressão, hiperatividade, impulsividade), trazem prejuízos nas interações sociais da criança e requerem uma intervenção voltada para extinção destes. A criança, cujo comportamento foi objeto de modificação, era do sexo feminino, tinha oito anos de idade e cursava o terceiro ano do ensino fundamental, em período integral. Sua mãe foi a participante efetiva do processo, de forma que as intervenções foram realizadas com ela a fim de obter modificações em seu comportamento na interação com a filha, produzindo modificações no comportamento da filha. A mãe tinha 35 anos, era autônoma e trabalhava durante o dia. O contexto familiar era constituído pela mãe, filha e padrasto da criança. A análise do comportamento indicou que respostas de birra (gritos e choro) ocorriam em especial diante de solicitações da mãe para arrumar o quarto, tomar banho e/ou fazer os deveres escolares e produziam respostas agressivas da mãe e adiamento das tarefas; respostas de agressividade (jogar objetos nos colegas ou no chão da sala de aula) ocorriam, em especial, diante de alguma solicitação da professora e produziam a não realização das tarefas. A partir dessa análise, foi estabelecido como comportamento-objetivo da criança a apresentação de respostas alternativas à birra e/ou agressividade. Em relação ao comportamento da mãe, foram identificados comportamentos agressivos emitidos (como xingar e castigar a filha) quando a criança apresentava comportamentos inadequados. No que se refere a intervenção com a mãe, foi estabelecido como comportamento-objetivo reforçar comportamentos adequados da filha e extinguir procedimentos punitivos. Após o estabelecimento dos comportamentos objetivos, foi realizado decomposição e sequenciamento dos mesmos, proposição e execução de sessões. Os atendimentos foram realizados exclusivamente com a mãe, em uma sala de um Serviço de Psicologia. Ao todo foram realizadas nove sessões semanais, com duração aproximada de 50 minutos cada.



Foram feitas entrevistas em todas as sessões, análise do comportamento de interação mãe-filha, avaliação de respostas alternativas às de castigar a filha que a mãe poderia apresentar, bem como as consequências a essas respostas. Por meio do relato da mãe foi possível acompanhar semanalmente a ocorrência de comportamentos da criança. Para a modificação do comportamento da criança, a mãe foi orientada e realizou: economia de fichas, caixa de sentimentos e sessão orientada do filme “Divertidamente”. Após a realização da intervenção, o comportamento de birra em casa teve uma redução de seis ocorrências semanais na primeira semana para nenhuma ocorrência na quarta, quinta e sexta semanas de intervenção. O comportamento de agressividade na escola reduziu de duas para nenhuma ocorrência a partir da terceira semana. O comportamento da mãe também foi alterado: o comportamento de castigar a filha (cinco ocorrências na primeira semana) passou a não ser mais apresentado pela mãe a partir da segunda semana e o comportamento de elogiar as respostas alternativas à birra ou agressão da filha passou a ser apresentado pela mãe a partir da segunda semana. Foi possível identificar, ao longo das sessões, aspectos já indicados na literatura: a emissão do comportamento de birra pode ser acentuada pelo comportamento de outros - principalmente dos familiares, tendo em vista que os comportamentos emitidos pelos pais consequenciam o comportamento apresentado pelos filhos. Dessa forma, o processo de modificação do comportamento da filha ocorreu devido ao processo de modificação do comportamento da própria mãe. Isso demonstra que é possível obter consideráveis mudanças nos repertórios comportamentais dos filhos se o repertório de habilidades sociais parentais for alterado e houver reconhecimento de sua função no arranjo de contingências para as crianças. Ao alterar as variáveis existentes e apresentar novos estímulos ao ambiente, foi possível reduzir a ocorrência de comportamentos de birra e agressividade. As consequências (respostas da mãe frente aos comportamentos adequados da filha), ao serem adequadas (não punir respostas indesejadas e elogiar respostas desejadas), reforçavam as respostas adequadas da filha. Nesse contexto, aprender habilidades sociais parentais possibilita, para os pais, resultados efetivos na diminuição de comportamentos externalizantes das crianças, modificando comportamentos inadequados já existentes e prevenindo a emissão futura de tais classes comportamentais.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Orientação de pais; Programação e modificação do comportamento; Birra e agressividade infantil.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Franciellen Dias - Aluna do curso de Psicologia da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). E-mail: franciellendias@icloud.com

Ianka Marcele Silva Oliveira - Aluna do curso de Psicologia da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). E-mail: iankamarcele@gmail.com

Juliane Viecili - Professora do curso de Psicologia da UNISUL. Doutora em Psicologia. Orientadora acadêmica. E-mail: juliane.viecili@unisul.br



TREINAMENTO DE HABILIDADES EDUCATIVAS PARENTAIS: ESTUDO DE CASO À LUZ DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Jéssyka Costa, Lourdes Ferreira Araujo Stern e Juliane Viecili

O treinamento de pais (TP) se constitui em intervenção importante e necessária para as modificações de comportamento infantil. Esse tipo de intervenção tem sido desenvolvida, estudada e promovida em especial por analistas do comportamento. O TP visa auxiliar pais a modificarem seu comportamento e, dessa forma, o comportamento de seus filhos. Sendo assim, o treinamento tem sido indicado para atender diversas situações, inclusive àquelas cujas queixas envolvem comportamentos externalizantes, como birras, agressão e desobediência excessiva. Nesse sentido, este trabalho consiste em um relato de experiência que descreve um processo intervenção em Psicologia por meio de treinamento de pais de uma criança com queixa de dificuldades escolares e agressividade, de forma que os objetivos com a criança foram de eliminar o repertório agressivo e ampliar o repertório acadêmico da criança e com a mãe o objetivo foi de fortalecer comportamentos parentais afetivos e extinguir os controles parentais aversivos. O treinamento de pais foi desenvolvido como estágio básico na Unidade de Aprendizagem “Programação e modificação do comportamento em contextos diversos”, componente curricular da Certificação “Processos de análise e modificação de comportamento”. O TP foi realizado na clínica escola de uma universidade comunitária tendo como participante a mãe de um garoto de oito anos e nove meses de idade, que estava realizando o 2º ano do ensino fundamental pela segunda vez em uma escola de ensino público; a criança morava com a mãe e tinha contato esporádico com o pai. A mãe, no momento da intervenção tinha 29 anos, estava cursando o ensino superior, era solteira e residindo com sua mãe (avó da criança). Todos eram moradores da Grande Florianópolis. A intervenção teve duração de 11 encontros de aproximadamente uma hora cada. Na intervenção com a mãe foram realizados procedimentos de análise funcional da interação mãe e filho, ensaio comportamental; bem como foram planejados procedimentos a serem realizados pela mãe com a criança, como economia de fichas, visando realização de tarefas de casa, de autocuidado e tarefas escolares; *fading in* de estímulos relacionados ao comportamento de leitura, jogo do alfabeto, buscando estimular o processo de aprendizagem, análise funcional de comportamentos agressivos e proposição de respostas alternativas às respostas agressivas. Ao término dos atendimentos, a criança desenvolveu os comportamentos em acordo com os objetivos propostos. Em relação ao comportamento agressivo, no início dos atendimentos, a queixa de agressividade apresentada pelo filho na relação com a mãe foi identificada como diária, bem como frequentes reclamações da escola sobre o “mal comportamento da criança”. Ao final das intervenções, por meio de relato da mãe, foi observada redução na frequência de comportamentos de agressividade da criança - que passou a ser apresentada esporadicamente, uma a duas vezes na semana;



na escola a frequência de comportamentos agressivos também foi diminuída, passando a ser apresentados esporadicamente. Em relação ao repertório acadêmico, no início dos atendimentos havia a queixa de que a criança não sabia ler e tinha “dificuldade em aprender”, tendo a professora relatado para a mãe que não indicaria a passagem da criança para o terceiro ano pela grande dificuldade de leitura e compreensão, após a intervenção a criança passou a ler e escrever cursivamente. Além das alterações no comportamento de agressividade e acadêmico, a mãe relata melhora na interação mãe e filho cuja dinâmica de relação era mediada por eletrônicos e brigas constantes para a realização de atividades regulares de autocuidado (como tomar banho, comer etc) e realização de tarefas em casa. Após a intervenção, a mãe relata que a relação se tornou mais prazerosas, havendo agora trocas de afetos, elogios, brincadeiras e passeios tendo as brigas diárias reduzido também para esporádicas e, mesmo assim, sem a agressividade de antes. A partir da intervenção, foi possível observar o TP como um recurso de modificação às queixas de comportamento infantil inadequado. No caso relatado, houve uma alteração na função da interação entre mãe e filho. No início dos atendimentos ambos tinham padrões de fuga da interação mãe e filho (uso de eletrônicos), que se caracterizava como pautada na utilização de contingências de punição e de reforçamento negativo (castigos, gritos por parte da mãe à não apresentação de comportamentos adequados). Com a participação da mãe no TP, a mesma passou a estabelecer mais contingências de reforçamento positivo na interação com o filho (como troca de afetos, valorização de comportamentos adequados), com isso, os comportamentos respondentes associados às contingências foram alterados, produzindo o que a mãe chamou de “relações mais prazerosas”. Tais decorrências foram estabelecidas tanto para comportamento da criança nas atividades cotidianas de autocuidado quanto em comportamentos de estudo, de forma que houve generalização para o contexto escolar, ampliando o repertório acadêmico da criança e levando-o ao sucesso na aprendizagem da leitura. Nesse contexto, promover o treinamento de habilidades educativas parentais demonstrou ser um procedimento capaz de promover repertório afetivo, social e acadêmico dos filhos.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise e modificação do comportamento; Agressividade infantil; Treinamento de pais.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Jéssyka Costa - Aluna do curso de Psicologia da Unisul, Campus Grande Florianópolis, Unidade Florianópolis (Trajano). E-mail: jessyka_costafarias@hotmail.com

Lourdes Ferreira Araujo Stern - Aluna do curso de Psicologia da Unisul, Campus Grande Florianópolis, Unidade Florianópolis (Trajano). E-mail: lourdes_stern@yahoo.com.br

Juliane Viecili - Professora do curso de Psicologia da Unisul, Campus Grande Florianópolis. Doutora em Psicologia pela UFSC – Universidade de Santa Catarina. Analista do comportamento. E-mail: juliane.viecili@unisul.br



AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DO PROGRAMA DE QUALIDADE NA INTERAÇÃO FAMILIAR

Beatriz Valentim Santos e Gabriel Gomes de Luca

Fundamentado na necessidade de auxiliar pais e mães a dar conta da responsabilidade parental, foi desenvolvido o Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF). Tal programa foi elaborado com base no referencial teórico da Análise do Comportamento e tem por objetivo desenvolver comportamentos que possibilitem a pais e mães prevenir problemas de relacionamento, problemas psicológicos, emocionais e comportamentais de seus filhos. Em 2006, as autoras do PQIF realizaram uma pesquisa a fim de avaliar os resultados do programa e concluíram que os objetivos foram atingidos. Naquela pesquisa, entretanto, foram observadas variáveis como satisfação dos participantes e mudanças em seus próprios comportamentos, apenas ao término imediato do programa. De modo que havia a necessidade de avaliar se essas mudanças se mantinham ao longo do tempo. Assim, neste estudo foi avaliado o grau de eficácia do PQIF após três meses após o término de sua aplicação. Para tanto, participaram desta pesquisa quatro cuidadores responsáveis por crianças com idade entre sete e oito anos que procuraram atendimento psicológico no Centro de Psicologia Aplicada de uma Universidade Federal e que participaram do PQIF. Para avaliação de eficácia, os repertórios dos participantes em relação aos comportamentos-objetivo do PQIF foram caracterizados e classificados por meio de entrevistas antes, ao final e três meses após o término do programa (*follow-up*). As entrevistas eram constituídas por perguntas pré-formuladas, ainda que no decorrer delas foram realizadas outras perguntas de esclarecimento de informações. Foram realizadas perguntas a respeito de 14 comportamentos-objetivo do PQIF. São eles: 1) “realizar análise da aprendizagem de comportamentos”; 2) “monitorar se os filhos estão cumprindo as regras”; 3) “apresentar regras aos filhos com clareza, coerência e consistência”; 4) “observar comportamentos adequados do filho”; 5) “reforçar comportamentos adequados do filho”; 6) “parar de utilizar consequências não recomendadas para comportamentos inadequados (brincadeiras exageradas, surras e palmadas)”; 7) “apresentar as consequências recomendadas (ignorar, timeout, castigo, conversa/diálogo)”; 8) “participar e se envolver efetivamente na vida das crianças”; 9) “demonstrar amor por meio de ações e independente do comportamento da criança”; 10) “passar tempo de qualidade com a criança (dar atenção exclusiva e concentrada)”; 11) “ter conhecimento dos comportamentos que aprendeu com os próprios pais”; 12) “demonstrar autoconhecimento (tomar consciência das próprias ações e suas causas)”; 13) “ajudar as crianças a se autoconhecerem” e 14) “perceber-se como modelo de comportamento para a criança e agir de acordo com o que ensina para o filho”).



Para cada comportamento-objetivo, foram criadas categorias de desempenho para as respostas dos cuidadores, de modo que para cada pergunta da entrevista, havia categorias a serem utilizadas para medir o desempenho deles. Para aumentar a fidedignidade dos dados, as medidas foram elaboradas e atribuídas pela pesquisadora e por outro observador (um voluntário, aluno de curso de graduação em Psicologia, devidamente treinado). Com base nas entrevistas, foi constatado que no follow-up, os quatro participantes declararam informações que sugerem que eles ainda apresentavam cinco comportamentos-objetivo (2, 9, 10, 11 e 14); quatro comportamentos-objetivo (1, 6, 7 e 12) foram descritos por três participantes como parte de seu repertório comportamental; três comportamentos-objetivo (4, 5 e 8) foram descritos por dois participantes, um comportamento-objetivo (13) foi descrito por um participante e um comportamento-objetivo (3) não foi apresentado pelos participantes. Os resultados apontaram que comportamentos importantes foram desenvolvidos nos repertórios dos cuidadores, os quais podem gerar impacto positivo na vida das crianças, mostrando a importância da intervenção. Um desses comportamentos é a supressão do uso de punições físicas, que é importante pois ela está relacionada com efeitos colaterais que trazem prejuízo ao desenvolvimento global da criança. Por exemplo, o Responsável 1 (R1) relatou na última entrevista: “antes eu ficava nervoso e batia neles, agora eu olho de cara feia pra eles e saio pra rua pra não gritar com eles, pra não bater (...) Agora vou na conversa, coloco de castigo”. Apesar de relatar utilizar consequências não-recomendadas nessa entrevista de follow-up, R1 relatou também tentativas de não as realizar, além de conseguir parar com as punições físicas. Ademais, com os resultados encontrados foi possível saber quais comportamentos-objetivo do PQIF foram desenvolvidos nos participantes e então, quais ainda são necessários desenvolver para aumentar a qualidade na relação familiar. Desse modo, os participantes podem ser indicados para que continuem participando de programas de treinamento ou outros meios para esses fins. Assim, é possível concluir que apesar de o PQIF poder ser ainda mais eficiente e eficaz, foi evidenciado alto grau de eficiência e eficácia.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Práticas parentais; Treinamento de Pais. Avaliação de Eficácia de Intervenções Profissionais. Comportamentos-objetivo de ensino.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Beatriz Valentim Santos - Universidade Federal do Paraná. E-mail: beatrizvalentimsantos@gmail.com

Gabriel Gomes de Luca - Universidade Federal do Paraná. E-mail: gabrieldeluca.ufpr@gmail.com



DESSENSIBILIZAÇÃO SISTEMÁTICA POR IMAGEM NA PRÁTICA CLÍNICA

Patrícia Zogbi dos Santo, Jeisa Benevenuti e Kamila dos Santos Simão

A Dessensibilização Sistemática é uma técnica terapêutica, utilizada para o manejo de problemas relacionados à ansiedade e à esquiva. É indicada para o tratamento de algumas situações, como medo e ansiedade frente às situações sociais, animais, obsessões e compulsões. No procedimento, são apresentados simultaneamente estímulos reforçadores e aversivos. O objetivo do procedimento é reduzir a frequência das respostas de esquiva e do estado de ansiedade, diante de um estímulo aversivo. Existem três conjuntos de variáveis importantes no processo de dessensibilização, são elas: (1) seleção de estímulos não aversivos, que elicie respostas incompatíveis com as respostas emocionais e de esquiva evocadas pelas situações aversivas, como relaxamento muscular, alimentos, imagens agradáveis e respostas afetivas; (2) escolha de estímulos que provocam a esquiva; (3) apresentação de estímulos não aversivos e aversivos de forma gradual e temporalmente de maneira próxima, isto é, um após o outro. A dessensibilização contribui para o desenvolvimento de habilidades voltadas ao autocontrole, proporcionando estratégias de enfrentamento para lidar com comportamentos de fuga e esquiva. O objetivo foi promover a redução da ansiedade por meio do procedimento de dessensibilização sistemática por imagem. A cliente, sexo feminino, 45 anos, recorreu à clínica com a queixa de ansiedade ao estabelecer novas relações sociais, bem como, baixo manejo social. Já possuía diagnóstico de ansiedade social e transtorno bipolar. Apresentou como queixa não conseguir controlar a esquiva, decorrente da ansiedade de estabelecer novas relações. Em análise funcional, foi possível identificar: (a) Apresentar pouca assertividade em relações sociais; esquivar-se de situações sociais. (b) Antecedentes: Conhecer novas pessoas em locais públicos, exigência para iniciar uma conversa, responder perguntas; ser criticada. (c) Respostas: Manter-se calada; Se fingir de muda; Ouvir música com o fone. (d) Consequentes: fuga ou esquiva da situação social; dificuldade em se expressar verbalmente. Em locais públicos (como mercado, lotéricas), quando um desconhecido iniciava algum tipo de comunicação, a cliente se esquivava, respondendo apenas o necessário. Apresentava medo de ser julgada por sua aparência física e não conseguia se expressar verbalmente quando pessoas desconhecidas estavam observando. O procedimento de dessensibilização sistemática ocorreu no contexto clínico, por meio de um atendimento psicoterápico, em 10 sessões com duração de 50 minutos cada, realizados em uma Clínica Escola de Psicologia. Os atendimentos que antecederam a aplicação da técnica: (1) Entrevista inicial, com o objetivo de acolher cliente e compreender a queixa clínica. Apresentação da proposta do atendimento, a fim de sensibilizar a cliente para a importância das práticas. Por fim, estabelecimento de contrato perante consentimento da cliente. (2) Foi realizado questionamento socrático, a fim de facilitar a observação de evidências comportamentais e avaliar as consequências de seu comportamento.



Também foi utilizado o recurso da psicoeducação para oferecer as informações necessárias e esclarecer dúvidas com relação às situações problemas vivenciadas. Com relação à aplicação do procedimento de dessensibilização sistemática, este ocorreu da seguinte forma: (1) Ensinar técnicas de relaxamento e realizar a construção da escala de ansiedade. (2) Construir a hierarquia de eventos e da compreensão do procedimento de dessensibilização, com o auxílio da cliente. (3) Dessensibilização por imagem, onde gradualmente foi mostrada à cliente imagens, vídeos, bem como foi solicitado que concluísse tarefas de casa equivalentes às realizadas no setting terapêutico. (4) Fechamento e feedback verbal. O registro dos atendimentos e do procedimento foram feitos em prontuários e registros documentais. Foi observado que a dessensibilização sistemática por imagem promoveu os efeitos esperados, visto que, a cliente conseguiu iniciar e finalizar uma conversa com um desconhecido no final do processo, apresentando redução do estado de ansiedade. Em uma fila de lotérica, conseguiu proceder da seguinte forma: Ao chegar na lotérica, realizou o exercício de respiração diafragmática, ensinado em terapia. Quando questionada, foi capaz de responder as horas, bem como conseguiu concordar com a demora da fila, abrindo espaço para o desenvolvimento da conversa. Assim, não apresentou fuga ou esquiva da situação, conseguindo manter comunicação. Foi possível evidenciar que o procedimento reduziu o estado de ansiedade, conferindo maior capacidade manejo de situações ansiogênicas. Por meio do feedback realizado pela cliente, foi possível notar o desenvolvimento de habilidades voltadas ao autocontrole (controle de respiração), promovendo redução nos níveis de ansiedade, verificada também em escala de ansiedade e hierarquia de eventos. Foi possível auxiliar a cliente em seu processo de compreensão e mudança comportamental. O vínculo foi uma ferramenta essencial no processo terapêutico para que a cliente conseguisse enfrentar situações que eliciavam ansiedade, exercendo assim, um maior autocontrole perante as situações aversivas. Além disso, o vínculo auxiliou o engajamento da cliente em praticar as técnicas e acordos estabelecidos. Sendo assim, os resultados sugerem que a dessensibilização sistemática por imagem pode contribuir para a redução de ansiedade social, conferindo em melhorias nas relações interpessoais.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Dessensibilização Sistemática; Ansiedade Social; Terapia Comportamental.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Patrícia Zogbi dos Santos - Acadêmica do 9º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) – patriciazogbi@unifebe.edu.br

Jeisa Benevenuti - Professora Titular do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Doutorado e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho - Portugal - jeisapsico@gmail.com

Kamila dos Santos Simão - Acadêmica do 10º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) - kamila_s.santos@unifebe.edu.br



TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CLIENTES COM ANSIEDADE SOCIAL

Patrícia Zogbi dos Santos e Jeisa Benevenuti

As habilidades sociais compõem um conjunto de comportamentos que o indivíduo apresenta para atender as demandas de uma situação interpessoal, que visam maximizar ganhos e reduzir perdas para as interações sociais. Isto é, trata-se de comportamentos que facilitam a iniciação de relacionamentos positivos, como iniciar, manter e encerrar uma conversa; fazer e responder perguntas; manifestar opinião; expressar apoio e solidariedade; falar em público, bem como tomar decisões. O treino de Habilidades Sociais (HS) pode ser empregado para o desenvolvimento, qualificação, extinção ou redução de repertórios comportamentais. Foi objetivo avaliar uma intervenção para desenvolver, por meio de treino de HS, classes de comportamentos voltados à comunicação e assertividade em um cliente com queixa relacionada à ansiedade social. O cliente, sexo masculino, 40 anos, recorreu a clínica com a queixa de ansiedade ao estabelecer novas relações sociais. Relatou já possuir diagnóstico de ansiedade social. Sua intenção em buscar o atendimento fora de conseguir modificar alguns comportamentos que interferem em sua rotina. Apresentou como demanda não conseguir controlar pensamentos que eliciam ansiedade em estabelecer novas relações. Por meio de análise funcional feita do caso, foi possível identificar: (a) Comportamentos: dificuldades de assertividade; hipersensibilidade a críticas; esquiva de situações sociais. (b) Antecedentes: ser apresentado a um desconhecido, ser criticado, falar em público. (c) Consequentes: fuga ou esquiva da situação social; dificuldade em se expressar verbalmente. Em situações em que o cliente era apresentado a outras pessoas, este se esquivava ou fugia. Apresentava medo de ser julgado e criticado, pois não conseguia se expressar verbalmente quando pessoas desconhecidas estavam observando. É pertinente frisar que clientes com ansiedade social são beneficiados com o treino de habilidades sociais, visto que, os déficits de habilidade sociais dificultam o funcionamento social, bem como a capacidade adaptativa do indivíduo. O treino de habilidades sociais foi realizado em um atendimento psicoterápico, ocorreu em oito sessões, com duração de 50 minutos cada. A sala escolhida para a aplicação da técnica possui um ar condicionado, uma mesa e duas poltronas. O treino foi voltado à aquisição, qualificação e manutenção do repertório comportamental e procedeu da seguinte forma: (1) Os dois primeiros encontros foram voltados para a avaliação por meio de entrevista inicial, a fim de identificar déficits ou excessos comportamentais relacionados ao manejo social, bem como analisar os antecedentes, consequentes e respostas emocionais. (2) Questionamento Socrático e Psicoeducação, com a função de promover o autoconhecimento e introduzir a temática de habilidades sociais.



O Questionamento Socrático auxilia o cliente a avaliar seu comportamento a partir das evidências observadas. A Psicoeducação visa educar os indivíduos a ampliar a compreensão de variáveis que interferem no seu comportamento. (3) Treino de Habilidades voltado à assertividade na comunicação; empatia e manejo de ansiedade. Esse treino incluiu exercícios de relaxamento, ensaio comportamental relacionado à comunicação com desconhecidos e tarefa de casa. (4). Os três últimos encontros foram voltados para o ensaio comportamental; feedback e fechamento. O registro dos dados foi feito em prontuários e registros documentais. Foi observado que o ensaio comportamental surtiu os efeitos esperados, visto que, o cliente conseguiu iniciar e finalizar uma conversa com um desconhecido no final do processo de treino de HS. Tal conversa procedeu em um evento social, onde foi apresentado a um desconhecido. Ao chegar no evento, o cliente realizou o exercício de respiração diafragmática, ensinado em terapia. Ao ser apresentado para o desconhecido, o cliente conseguiu falar sobre si, sobre seu trabalho, bem como abriu espaço para o desenvolvimento da conversa. Assim, o cliente não apresentou fuga ou esquivas da situação, conseguindo manter comunicação. Dessa forma, foi possível evidenciar que o treino de HS promoveu um repertório mais amplo e funcional ao cliente. Por meio da técnica de habilidades sociais, o cliente conseguiu adquirir maior capacidade de manejo de situações ansiogênicas, bem como, foi observado redução das situações que eliciavam ansiedade social. Foi possível auxiliar o cliente em seu processo de compreensão e mudança comportamental. O vínculo foi uma ferramenta essencial no processo terapêutico para que o cliente conseguisse enfrentar situações que eliciavam ansiedade, exercendo assim um maior autocontrole perante as situações aversivas. Além disso, o vínculo auxiliou o engajamento do cliente em praticar as técnicas e acordos estabelecidos. Sendo assim, os resultados evidenciam que o treino de Habilidades Sociais pode contribuir para a redução de ansiedade social, conferindo melhorias nas relações interpessoais.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Habilidades Sociais; Ansiedade Social; Treino de Habilidades Sociais.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Patrícia Zogbi dos Santos - Acadêmica do 9º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) – patriciazogbi@unifebe.edu.br

Jeisa Benevenuti - Professora do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Doutorado e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho - Portugal - jeisapsico@gmail.com



PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS NA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNO DE HUMOR NA VIDA ADULTA: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DE DOIS CASOS

Emily Corrêa Oliveira e Ana Paula Viezzer Salvador

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quinta edição apresenta os quadros antes classificados como Transtornos de Humor divididos em duas categorias diferentes: a de Transtorno Bipolar e Transtornos Relacionados, que está subdividido em sete categorias de diagnóstico; e a de Transtornos Depressivos, subdivididos em oito categorias de diagnóstico. Os diagnósticos diferem segundo duração, momento da vida, possível fator causal da doença e no caso do Transtorno Bipolar, em número de ocorrência e presença de episódios depressivos ou maníacos/hipomaníacos. Práticas educativas parentais podem ser definidas como estratégias ou conjunto de comportamentos adotados pelos pais em concordância com os padrões aceitos culturalmente na criação de seus filhos, com a finalidade de atingir um objetivo específico. Considerando tais definições, foi objetivo compreender mais profundamente a relação entre práticas educativas parentais e o desenvolvimento de transtornos de humor na vida adulta em duas mães, diagnosticadas com Transtorno Bipolar, analisando funcionalmente os fatores que tangem a dinâmica familiar e que possam ter desencadeado o quadro clínico nelas. Além disso, buscou-se entender como a ocorrência de um transtorno de humor pode influenciar nas práticas desenvolvidas com seus próprios filhos e verificar se as práticas parentais de uma geração deixam marcas ou influenciam na forma como a geração futura tratará suas crianças. Participaram deste estudo duas mães, uma com 33 anos com um filho de cinco anos de idade e outra com 40 anos com três filhos (um menino de 11 anos, outro de nove anos e uma menina de três anos de idade), as quais possuíam diagnóstico de Transtorno Bipolar. Foram utilizadas como roteiro de entrevista as Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) - versão para pais e filhos. Como forma de complementar os itens descritos na escala, foram realizadas perguntas complementares, tais como "Qual é o fato mais marcante para você em relação à educação recebida por seus pais?" ou "Como você descreve a maneira como seus pais a criaram?". A partir das informações apresentadas pelas participantes, foi realizada uma análise funcional de suas relações com seus pais e de suas relações com os próprios filhos. Seus dados foram discutidos buscando compreender o impacto das práticas parentais utilizadas por seus pais na ocorrência do transtorno por elas apresentado, além da influência do transtorno na educação de seus próprios filhos.



A partir dos dados fornecidos pelos instrumentos utilizados foram identificadas contingências de perda, permissividade, negligência e falta de afetividade, entre outras, que parecem ter contribuído para o desenvolvimento do transtorno, mesmo que outros aspectos possam ter sido determinantes para a instauração do quadro (como estresse decorrente do trabalho, exigência da maternidade e baixa qualidade de sono). Além disso, a intergeracionalidade marca algumas práticas educativas utilizadas pelas participantes: ambas parecem reproduzir alguns comportamentos que eram apresentados pela linhagem materna, como permissividade, dificuldade de imposição de limites claros e alto nível de exigência. Pode-se afirmar que o relacionamento familiar constitui uma variável de extrema relevância para o desenvolvimento saudável de crianças, e que o vivenciado na infância e adolescência repercute e deixa marcas na vida dos filhos, reverberando em comportamentos que estão presentes inclusive na idade adulta. A abordagem qualitativa permitiu que alguns aspectos fossem explorados, principalmente quanto à relação estabelecida na díade filho-genitores em ambas as direções, fato que se mostra como a maior contribuição desse estudo. Comportamentos paternos, como negligência, inabilidade de expressão, instabilidade emocional e comportamentos maternos como falta de afetividade parecem ter contribuído para dificuldade no desenvolvimento de repertório de resolução de problemas e de autocontrole em relação às próprias emoções das participantes. Falecimento dos pais e divórcio foram apontados como fatores agravantes para o desencadeamento do transtorno e indicam perda súbita de potenciais reforçadores que podem ter desencadeado reações emocionais muito intensas e instabilidade emocional. A sensação de abandono e desamparo sentida em relação ao cuidado parental relatada pode estar ligada ao desenvolvimento de episódios depressivos desenvolvidos por uma das participantes, além de sua vivência com o conflito conjugal dos pais e divórcio pelo qual passou. Exposição a situações aversivas (constante conflito dos pais e a separação dos mesmos) e ambiente pouco responsivo (pais poucos sensíveis às necessidades dos filhos) estão associados ao desenvolvimento da depressão, segundo a literatura. Apesar das contribuições, algumas limitações também foram identificadas. O fato do estudo aqui desenvolvido estar embasado em recordações relatadas pelas participantes e como estas avaliam a forma como educam os filhos mostram-se como limitações que podem influenciar os resultados. Além disso, não foi acessado o ponto de vista dos filhos ou dos pais sobre a relação familiar.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Práticas educativas parentais; Transtornos de humor; Intergeracionalidade.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Emily Corrêa Oliveira - Universidade Federal do Paraná | emilycoliveira@hotmail.com

Ana Paula Viezzer Salvador - Universidade Federal do Paraná | apviezzer@yahoo.com.br



AVALIAÇÃO DA DIMENSÃO ÉTICA DO COMPORTAMENTO DO TERAPEUTA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Kamila dos Santos Simão, Patrícia Zogbi e Jeisa Benevenuti

É importante estar ciente de que toda relação terapêutica possui uma dimensão ética. As classes comportamentais que podem ser aprendidas pelos clientes na relação terapêutica irão repercutir em suas relações, na sua vida e na vida de terceiros. Portanto, é preciso que o terapeuta esteja consciente dos comportamentos que serão desenvolvidos como alvo do processo de intervenção no planejamento da mudança psicoterapêutica. Sendo assim, é de suma importância o desenvolvimento de ações caracterizadas por comportamentos com dimensão ética que produzam mudanças na qualidade de vida da pessoa atendida, ou seja, que lhe proporcione o conhecimento suficiente para observar e identificar determinantes de seus comportamentos, podendo agir diferente tendo essas informações sendo capazes de promover seu bem-estar nas relações. Ponderando tais apontamentos e considerando os pressupostos da análise do comportamento, foram investigados aspectos da relação terapêutica na clínica analítico-comportamental tendo como base o atendimento de um caso clínico realizado no contexto de uma Clínica Escola e Serviços de Psicologia. O objetivo foi caracterizar aspectos da relação terapêutica que contribuem para a apresentação de comportamentos éticos por parte do terapeuta na clínica analítico-comportamental. Foram consideradas posturas éticas comportamentos do terapeuta que tiveram a função de investigar, ponderar e adequar intervenções de acordo com as necessidades do contexto terapêutico. Os dados foram obtidos por meio de consultas aos relatórios de estágio obrigatório, sendo observados os seguintes aspectos em relação aos atendimentos clínicos realizados pela estagiária: postura nos atendimentos, manifestações de comportamentos éticos como sensibilidade, empatia, investigação de demandas trazidas pela cliente, comportamentos assertivos e outros que tiveram função de instruir a cliente ser assertiva consigo e com terceiros. Junto a isso, foram consideradas as classes de comportamentos que respeitasse a singularidade da pessoa atendida, sua história de vida e repertórios comportamentais funcionais. A análise foi feita a partir da descrição dos supracitados comportamentos e seus resultados perante a relação terapêutica. Foi possível verificar que a emissão de classes comportamentais éticas por parte da estagiária reforçou comportamentos assertivos da cliente no setting terapêutico. Esses comportamentos assertivos foram generalizados pela cliente em suas relações interpessoais, que segundo seus relatos, passaram a trazer consequências mais agradáveis, como ausência de desentendimentos com as pessoas que convive, sendo isso uma forma de reforço negativo.



Outro aspecto indicado pela cliente foi em relação a apresentação de comportamentos assertivos no contexto familiar e no trabalho sendo que esta passou a reconhecer o seu valor, ter consciência de sua importância e conseqüentemente se esforçar cada vez mais para cumprir seu papel, o que lhe garantia o sentimento de gratificação como forma de reforço positivo. A cliente relatou que as análises funcionais ao longo dos atendimentos lhe fizeram refletir sobre a função de seus comportamentos nas suas relações, e com isso, ela passou a emitir comportamentos que contribuíram para seu bem-estar, resultando em maior autoconhecimento e autocontrole. Todos esses aspectos evidenciaram ampliação do repertório comportamental da cliente por meio de intervenções que respeitaram sua cultura e reforçaram aspectos de seu comportamento que incluíram assertividade, expressão de sentimentos e autocontrole prezando pelo bem-estar de suas relações. Conclui-se que é preciso exercer uma ética coerente com a vertente do behaviorismo radical, priorizando pela singularidade de cada pessoa, exercendo investigações e intervenções eficientes, considerando o modo como estes surgiram e suas respectivas funções, sendo estes os aspectos favoráveis para apresentação de comportamentos éticos na clínica analítico-comportamental. Embora haja tais resultados, é importante mencionar que houve outros aspectos presentes que contribuíram para a evolução do caso, porém, considerou-se aqui o manejo ético visto que foi um dos elementos essenciais para a evolução. Compreende-se que agir de forma ética é questionar regras e investigar fenômenos, não apenas seguir alienadamente um conjunto de regras. Agir de forma ética é intervir nas demandas do sujeito de acordo com as possibilidades de intervenção presentes no contexto, se comportando de maneira distinta dependendo de suas particularidades, ou seja, apresentando repertórios adequados, pois não se pode apenas deduzir o que fazer em meio a um conjunto de regras, já que nem sempre serão adequadas para todos os indivíduos, visto que cada um tem sua história de vida, e, portanto, passaram por situações diferentes para adquirirem determinados comportamentos. Compreende-se, que as ações do terapeuta devem ser favoráveis para a cliente, para a prática terapêutica, para a sobrevivência da cultura e para o bem-estar dos membros da sociedade.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Ética Profissional; Prática Clínica; Processos Psicoterapêuticos; Análise do Comportamento.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Kamila dos Santos Simão - Acadêmica do 10º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) -kamila_s.santos@unifebe.edu.br

Patrícia Zogbi - Acadêmica do 9º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) - patriciazogbi@unifebe.edu.br

Jeisa Benevenuti - Professora do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Doutorado e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho - Portugal - jeisapsico@gmail.com



O TERAPEUTA COMO AUDIÊNCIA NÃO-PUNITIVA? UM EXAME SOBRE CONTROLE AVERSIVO EM MANUAIS DE PSICOTERAPIA ANALÍTICO-FUNCIONAL (FAP)

Fanny Bohnenberger Ruschel e Gabriel Gomes de Luca

No Behaviorismo Radical, B. F. Skinner e Murray Sidman são conhecidamente citados por seus posicionamentos contrários ao uso do controle aversivo, fundamentando suas críticas com base principalmente na ineficácia e transitoriedade de seus efeitos. Em contexto terapêutico, é frequente o entendimento de que o terapeuta necessita constituir uma audiência não punitiva aos comportamentos do cliente. Com base nesse entendimento, é sugerido que o terapeuta evite contingências constituídas por controle aversivo e que contingências de reforçamento positivo sejam priorizadas. Pautados nessa recomendação sobre o papel terapêutico como “audiência não punitiva”, terapeutas são orientados a evitar a apresentação de consequências aversivas às verbalizações do cliente, o que supostamente fortaleceria o vínculo terapêutico. Entretanto, autores posteriores afirmam que existem contextos nos quais o controle aversivo não só pode ser uma alternativa justificável, como é também eficaz. Dentre as vertentes mais recentes de psicoterapia em Análise do Comportamento, a *Functional Analythic Psychotherapy* (FAP) utiliza a relação terapeuta-cliente como principal método de intervenção e recurso para mudança do comportamento do cliente. O objetivo do presente estudo foi identificar em duas obras da FAP, informações que sugerem uso de controle aversivo em práticas constituintes da atuação de psicoterapeutas analítico-funcionais e compará-las com as recomendações de B. F. Skinner e de M. Sidman a respeito do uso do controle aversivo. Para tanto, foram analisadas duas obras: (1) *Functional Analytic Psychotherapy: Creating Intense and Curative Therapeutic Relationships* e (2) *A Guide to Functional Analytic Psychotherapy: Awereness, Courage, Love and Behaviorism*, a fim de identificar informações que fazem referência a contingências constituídas por controle aversivo ou por estimulação aversiva, incluindo a apresentação explícita desses conceitos ou informações sobre consequências dessa forma de controle, e discuti-las com base nas recomendações de B. F. Skinner e M. Sidman. Ambas as obras foram lidas na íntegra e foram selecionados os trechos que faziam alusão a controle aversivo. Para tanto, algumas expressões foram utilizadas para orientar a seleção de trechos, dentre elas: “Punishment”, “Aversive stimuli”, “Aversive”, “Extinction”, “Avoidance”, “Emotion”, “Pain” e “Negative feeling”.



Ademais, alguns trechos foram selecionados a despeito de não serem constituídos por tais expressões, sendo utilizado como critério o entendimento de que certos procedimentos específicos – como evocação de CRBs significativos e o bloqueio da esquiva – realizados pelo terapeuta FAP podem constituir estimulação potencialmente aversiva. Os trechos selecionados foram agrupados e classificados de acordo com as seguintes variáveis: Comportamentos do cliente que sugerem uma prática aversiva; Relatos do cliente que sugerem uma prática aversiva; Comportamentos de fuga e esquiva; Recomendações do uso de controle aversivo; Eficiência; Comportamentos do terapeuta e, por fim, Exemplos de uso. Ao total, nas duas obras analisadas foram encontrados 37 excertos que fazem referência a controle aversivo. As variáveis com maior quantidade de informações foram as que se referiam a Comportamentos emitidos pelo cliente, Comportamentos de fuga e esquiva, Recomendações e Comportamentos do terapeuta. Com base nos dados coletados, é possível concluir que a discussão a respeito do uso de controle aversivo em instâncias sociais – entre elas, a psicoterapia – é complexa, e requer compreensão das implicações de cada uma das formas de controle. Ainda que não se recomende abertamente o uso de controle aversivo, nos manuais da FAP constam informações que possibilitam concluir que certos elementos que constituem essa prática estão presentes ou mesmo devem estar presentes no processo terapêutico. Entre eles: a apresentação de estímulos aversivos para evocar CRBs, bloqueio de esquiva e mesmo o uso da punição. Assim, embora B. F. Skinner e M. Sidman possuam posicionamento contrário a essa forma de controle, as análises realizadas possibilitam concluir que certos “traços” de aversividade podem ser benéficos em diversas instâncias, permitindo a modelagem de repertórios mais adaptativos ao ambiente do indivíduo, além de desenvolver habilidades de enfrentamento que potencializam a probabilidade de produzir estímulos reforçadores.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Controle aversivo; Psicoterapia Analítico-Funcional; Skinner; Sidman.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Fanny Bohnenberger Ruschel - Universidade Federal do Paraná. E-mail: fanny.b25r@gmail.com

Gabriel Gomes de Luca - Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná. Email: gabrieldeluca.ufpr@gmail.com



PERCEPÇÃO DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS SOBRE O IMPACTO DE SEUS VALORES PESSOAIS NA SUA ATUAÇÃO CLÍNICA

Elisa Smile Teixeira de Oliveira e Ana Paula Viezzer Salvador

Os terapeutas são reconhecidos como agentes de mudança do comportamento dos clientes, o que faz com que pesquisadores da área da psicologia clínica se voltem às variáveis do terapeuta, como sentimentos, autorrevelação e valores pessoais como alvo de pesquisas. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi caracterizar a percepção de terapeutas comportamentais sobre o impacto de seus valores pessoais na sua atuação clínica. Foram realizadas entrevistas de caráter exploratório, com sete estudantes de psicologia ao final do estágio em clínica e três terapeutas com mais de 10 anos de experiência na área. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, com a seguinte pergunta disparadora: “Você se lembra de alguma situação qualquer que tenha ocorrido na interação com algum cliente, na qual seus valores pessoais tenham interferido no processo terapêutico? Descreva-a.”. A partir do relato dos participantes, foram feitas outras perguntas para caracterizar as situações de conflito, os sentimentos e os comportamentos dos terapeutas em sessão, as consequências para o processo terapêutico e a opinião dos participantes sobre a postura ideal em situações envolvendo conflito de valores. A análise de dados foi realizada a partir das transcrições das entrevistas e foram criadas categorias dos resultados, de acordo com os principais temas dos relatos dos participantes. Os terapeutas relataram situações de conflito de valores entre eles e os clientes, cuja maioria envolveu aspectos relacionados à dinâmica familiar, como relação entre pais e filhos, valores de opressão e traição conjugal. Valores religiosos também apareceram como razão de conflito na relação terapêutica. Em relação aos sentimentos dos terapeutas em situações de conflito de valores, a maioria relatou sentir raiva e incômodo e os comportamentos deles incluíram questionar o cliente, assumir uma postura neutra e ficar em silêncio, promover uma análise da questão junto ao cliente ou buscar ajuda em supervisão. Como consequência do conflito para o processo terapêutico, destaca-se o distanciamento na relação terapêutica e dificuldade em sentir empatia. Quando questionados sobre qual seria a postura ideal frente a situações de conflito de valores, os participantes destacaram a necessidade de o terapeuta realizar autoavaliação constante do seu comportamento e valores pessoais ao identificar conflitos de valores com algum cliente. Os participantes também enfatizaram a importância da análise funcional e caso o profissional encontre dificuldades no atendimento do caso, ele deve buscar ajuda em supervisão clínica e encaminhar para outro profissional quando necessário. Ou seja, quando ele julgar que não conseguirá realizar as intervenções necessárias para a melhora do cliente.



Em relação às diferenças nos relatos dos terapeutas iniciantes e experientes, os terapeutas com mais tempo de atuação relataram um maior número de situações envolvendo valores pessoais deles e dos clientes. Os terapeutas iniciantes relataram maior dificuldade em relação ao seu próprio comportamento em sessão, sendo que a maioria deles descreveu que, ao não saber o que fazer, assumiu uma postura neutra e ficou em silêncio frente ao cliente. Destaca-se a diversidade das situações apresentadas (mesmo com poucos participantes), o que ilustra a multiplicidade de possibilidades envolvendo conflito de valores no contexto clínico. Frente a questões de gênero na psicoterapia, R. J. Kohlenberghe e M. Tsai, autores pioneiros da FAP, sugerem que o terapeuta deve estar atento às questões de opressão, pois ele também está inserido numa cultura permeada por preconceitos e pode não estar sensível às suas reações frente a valores opressores. Em relação a valores religiosos, em literatura é sugerido que o terapeuta investigue a religião do cliente, suas práticas, modelos e ensinamentos, os quais podem ser utilizados como estratégias terapêuticas quando necessários, tendo em vista as necessidades e recursos do cliente como critério para intervenções clínicas. Os resultados deste estudo evidenciam a necessidade de o terapeuta estar atento aos seus valores pessoais e ao modo como eles impactam na relação com o cliente. Além disso, conclui-se que a formação de novos terapeutas deve privilegiar espaços para sensibilizar o estudante frente a essas situações, visto que os valores pessoais não podem ser mantidos completamente fora da relação terapêutica e são determinantes na formação da atitude clínica. Para futuros estudos, sugere-se aumentar o número e a diversidade dos participantes, uma vez que todos os terapeutas iniciantes estudavam na mesma instituição. Além disso, futuras pesquisas podem aprofundar a investigação de alguns temas que surgiram nos relatos dos participantes, como a necessidade de discutir a postura do terapeuta frente a valores de opressão e frente a crenças religiosas, por exemplo.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Psicoterapia; Terapeuta; Valores de vida; Terapia analítica funcional; Terapia de aceitação e compromisso.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Elisa Smile Teixeira de Oliveira - Universidade Federal do Paraná.

E-mail: elisa2312@gmail.com

Ana Paula Viezzer Salvador - Universidade Federal do Paraná.

E-mail: apviezzer@yahoo.com.br



PROGRAMAS COMPORTAMENTAIS PARA MANEJAR COMPORTAMENTOS-PROBLEMA APRESENTADOS POR ALUNOS EM AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Bruno Souza Soares, Thalita Vieira Thomé e Fernanda Bordignon Luiz

Com frequência é possível ouvir relatos de professores e encontrar pesquisas que narram dificuldades por parte desses profissionais em lidar com comportamentos-problema no ambiente escolar, tipicamente chamados de indisciplina, como por exemplo agressão física e verbal e conversas com pares. Na literatura internacional há diversas pesquisas que empregaram diferentes programas comportamentais em escolas para manejar tais comportamentos-problema. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi identificar, por meio de revisão da literatura, programas comportamentais utilizados para gerenciar comportamentos-problema apresentados por alunos do ensino fundamental no ambiente escolar. Foram consultadas as bases de dados ProQuest, Scielo, ScienceDirect e EBSCO e utilizados descritores *behavior intervention AND elementary school OR middle school*. Foram selecionados artigos que apresentaram tais descritores no título, no resumo ou nas palavras-chaves e que atendessem aos seguintes critérios: 1) terem sido publicados entre 2013 a 2017, 2) pesquisas experimentais randomizadas ou de sujeito único, 3) os participantes eram alunos do ensino fundamental 4) ter como objetivo empregar programas comportamentais para manejar comportamentos-problema de alunos do ensino fundamental, na escola 5) ou estudos que tinham como objetivo treinar professores para lidar com comportamentos-problema. Foram excluídos artigos filosóficos, teóricos, conceituais, duplicados ou nos quais os participantes foram descritos com alguma deficiência. Foram examinados o resumo, a introdução e o método dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão e analisados quanto ao nome do programa; se os programas identificados nos artigos analisados fizeram menção à Análise do Comportamento, seja diretamente ou pela apresentação de conceitos da área; se pertenciam a outra área; participantes; comportamento-problema descrito no artigo; país no qual o trabalho foi conduzido. Foram identificados 902 artigos, dos quais 6% (N=52) foram excluídos por serem duplicados e 90% (N=813) por não terem atendido aos critérios de inclusão. Foram incluídos para análise 4% (N=37) dos artigos levantados. Dessa amostra, foram identificados 34 programas comportamentais, dos quais, 21 deles fizeram menção à Análise do Comportamento, seja diretamente ou pela apresentação de conceitos da área (e.g.: reforçamento diferencial, extinção de comportamento), e 13 artigos fizeram menções a outras diferentes abordagens. Cinco programas tiveram maior número de menções, os quais fazem parte dos 21 programas que fizeram alguma menção a Análise do Comportamento, os quais são *Positive Action* (N=4), *Check-in Check-out* (N=3), *Class-Wide Function-based Intervention Teams* (N=3), *School-Wide Positive Behavioural Interventions and Supports* (N=3) e *Good Behavior Game* (N=2), todos os outros 29 programas foram mencionados uma vez.

Os comportamentos-problema identificados nos artigos analisados foram classificados em sete categorias, sendo elas comportamentos disruptivos graves, comportamentos disruptivos menos graves, problemas emocionais, comportamentos antissociais, Bullying, problemas atencionais e outros. Quanto aos participantes dos artigos analisados, a maioria dos estudos (N=30) mencionaram algum tipo de intervenção com alunos, professores e outros colaboradores da escola, enquanto a minoria (N=7) referiu intervenções apenas com alunos ou professores. Além disso, 1/3 (N=10) das intervenções realizadas com alunos, professores e outros colaboradores da escola mencionaram intervenções com pais ou responsáveis legais. Em relação aos países onde os trabalhos foram conduzidos, sete países foram identificados, sendo que a maioria (N=30) foi conduzida nos Estados Unidos, seguido pela Holanda (N=2), Brasil (N=1), Austrália (N=1), Suécia (N=1), Coreia do Sul (N=1) e Bélgica (N=1). A partir dos resultados encontrados, é possível concluir que vários programas comportamentais têm sido utilizados para manejar comportamentos-problema apresentados por alunos do ensino fundamental no ambiente escolar, muitos deles embasados ou fazendo menção à Análise do Comportamento e outros de outras abordagens. Sobre os artigos que fizeram uso de conceitos da Análise do Comportamento, a utilização desses termos não garante que tais pesquisas foram fundamentadas na teoria analítico-comportamental. Ainda assim, por usarem conceitos da área, tais artigos foram considerados como relacionados à Análise do Comportamento. Diante disso, é necessário que outras pesquisas sejam realizadas a fim de identificar se artigos que mencionam conceitos da Análise do Comportamento de fato empregaram programas fundamentados nos princípios científico-filosóficos da área. Em relação aos comportamentos-problemas identificados nos artigos examinados, percebe-se que todas as categorias fazem alusão a comportamentos tipicamente identificados por professores como problemáticos. Quanto às intervenções que levaram em consideração, além do aluno, professores, demais colaboradores da escola e os pais/responsáveis legais, é possível perceber uma perspectiva de não culpabilização da criança pelo comportamento-problema apresentado e demonstram a influência dos adultos sobre os comportamentos apresentados pelas crianças. A respeito dos países identificados nos trabalhos analisados nesta pesquisa, apenas uma pesquisa foi conduzida no Brasil. Diante disso, é necessário que outras pesquisas bibliográficas sejam conduzidas utilizando bases de dados nacionais, a fim de analisar os estudos dessa natureza no país e o papel da Análise do Comportamento nesse novo cenário investigativo.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Programas comportamentais; Comportamentos-problema; Análise do Comportamento; Ambiente escolar; Ensino fundamental.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Bruno Souza Soares - Universidade Positivo. Email: brunosouzaloandas@gmail.com

Thalita Vieira Thomé - Universidade Positivo. Email: thalythome@gmail.com

Fernanda Bordignon Luiz - Professora da Universidade Positivo.
Email: fernanda.luiz@up.edu.br



COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR QUE PROMOVEM DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

Gabriel de Melo Cardoso, Emanuel Aparecido Peixoto e Mauro Luís Vieira

Educadores frequentemente não identificam indicadores sobre como reagir diante do comportamento das crianças em um meio cultural tecnológico, familiar e escolar que se modifica de forma célere. Constantemente surgem situações que exigem aprendizagem de novos repertórios comportamentais para atender as demandas ou necessidades infantis, principalmente relacionadas a comportamento social. O desenvolvimento de comportamentos sociais é considerado um indicador bastante preciso do ajustamento psicossocial e de perspectivas positivas para o desenvolvimento humano, enquanto um repertório social empobrecido pode constituir “sintoma” ou correlato de problemas psicológicos. Portanto, o desenvolvimento de comportamentos sociais que são valorizados em determinada cultura com alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade podem contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais. Além de promoverem um desenvolvimento saudável em conformidade com a proposta da Organização Mundial de Saúde (OMS) que inclui o desenvolvimento de comportamentos sociais como um fator protetivo, na medida em que possibilita que as crianças lidem com as adversidades e estressores presentes durante suas trajetórias, resultando em maior adaptabilidade ao meio social. A identificação desses comportamentos possibilitará melhor qualificar e avaliar o trabalho realizado em creches e sistematizar comportamentos do professor que promovem comportamentos sociais nos alunos. Foi objetivo identificar comportamentos do professor que promovem desenvolvimento de comportamentos sociais de crianças pré-escolares em uma creche. A instituição atende 87 alunos; conta com nove salas de aula e nove espaços coletivos de lazer e aprendizado e possui ambientes adaptados para crianças; a equipe é composta por nove professores, 23 bolsistas e quatro servidores. As observações foram realizadas em uma sala de aula, com a presença de uma professora, dois auxiliares estagiários do curso de Ciências Sociais e 11 crianças matriculadas. Por conta dos comportamentos-alvo aos quais se propôs observar e o período do desenvolvimento infantil em que a ocorrência de aprendizagem, assim como, a utilização desses comportamentos se tornam mais manifestos, as observações foram realizadas com crianças pré-escolares de 5 a 6 anos. Foram realizados cinco períodos de observações diárias com duração de pouco mais de uma hora.



Foram observados os comportamentos do professor e registrados aqueles que, após interação com a criança, apresentavam como consequência a ocorrência de comportamentos sociais - definidos pela alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade e valorizados na cultura em que ele está inserido - por parte da criança. O registro dos comportamentos dos professores e das crianças foi realizado por meio de registro contínuo cursivo. A partir desse material foi realizada análise funcional do comportamento para examinar a relação de comportamentos do professor que promovem comportamentos sociais nas crianças e categorizar os tipos de comportamentos identificados. Foram identificados 20 comportamentos do professor que promoveram comportamentos sociais nos alunos, agrupados em cinco categorias mais gerais de classes de comportamentos a) promover seguimento de regras sociais, com seis comportamentos identificados; b) promover comunicação interpessoal, com cinco comportamentos identificados; c) promover identificação e responsividade social sob controle das necessidades dos outros, com quatro comportamentos identificados; d) promover comportamentos de manejo de conflitos e resolução de problemas interpessoais, com um comportamento identificado e e) promover autonomia, com quatro comportamentos identificados. Foi possível examinar uma correlação entre os comportamentos dos professores e a ocorrência de comportamentos sociais nas crianças após a interação professor-aluno. Foram avaliadas as implicações sobre o papel da escola na formação da cidadania, como o ensino de comportamentos sociais em detrimento de um ensino essencialmente conteudista, o que pode contribuir para diminuição de excessos e déficits comportamentais. Por meio dos comportamentos identificados, foi possível observar que ocorreu baixa frequência de emissão de comportamentos dos professores orientados para o desenvolvimento de autonomia nas crianças. Também foi observado que comportamentos do professor orientados para ensinar seguimento de regras sociais são mais frequentes do que aqueles orientados para ensinar manejo de conflitos interpessoais. Ainda que os professores emitam comportamentos orientados para ensinar comunicação interpessoal e de responsividade sob controle das necessidades dos outros, não garantem o desenvolvimento de repertório da criança para lidar com conflitos interpessoais. A partir dos resultados, é possível verificar frequência muito baixa de comportamentos emitidos pelo professor para promover comportamentos sociais nos alunos, o que pode sugerir pouca variabilidade comportamental do professor. Houve limitações da pesquisa caracterizadas pelo baixo número de sujeitos que participaram e pelo aspecto temporal, uma vez que o estudo é caracterizado por corte transversal, de apenas cinco observações com duração de pouco mais de uma hora por dia. Nesse sentido, outros comportamentos que possivelmente desenvolvem comportamentos sociais nas crianças não foram observados.

A identificação desses comportamentos possibilitará melhor qualificar e avaliar o trabalho realizado em creches e sistematizar comportamentos do professor que promovem comportamentos sociais nos alunos. As descobertas realizadas revelam classes de comportamentos que são ainda necessárias serem desenvolvidas ou aperfeiçoadas por professores de creches.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise do comportamento; Comportamentos sociais; comportamentos do professor; Crianças pré-escolares; Análise funcional.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Gabriel de Melo Cardoso - Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: psi.gabriel.cardoso@gmail.com

Emanuel Aparecido Peixoto - Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: prignuss@gmail.com

Mauro Luís Vieira - Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: maurolvieira@gmail.com



EFEITOS DO FEEDBACK POSITIVO NO COMPORTAMENTO DE COOPERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS

Carla Caroline Silva Bastos, Gabrielle Camilo Xavier e Fernanda Gutierrez Magalhães

Respostas cooperativas podem surgir desde a primeira infância e características ambientais podem favorecer ou não a emissão dessas respostas. Tendo em vista que comportamentos cooperativos podem favorecer a aprendizagem e o convívio no contexto escolar, além de serem o fundamento para a construção de uma sociedade mais cooperativa, é relevante conhecer as condições nas quais é mais provável a ocorrência de respostas desse tipo em contexto escolar. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a efetividade de contingências de cooperação e do feedback positivo na seleção e manutenção de respostas cooperativas em um grupo de crianças e verificar se há diferença na frequência de respostas cooperativas com relação à idade. O experimento foi realizado com 59 crianças com idade entre cinco a dez anos, em uma escola municipal de Curitiba-PR. Elas foram divididas em quatro grupos. Nos grupos Experimental I e Controle I participaram crianças de cinco a sete anos. Nos grupos Experimental II e Controle II participaram crianças de oito a dez anos. Todas participaram de 12 rodadas de um jogo de bens públicos. A cada rodada, cada criança recebia três fichas. Uma por vez, deveriam dirigir-se até uma urna e nela inserir um envelope no qual poderiam colocar uma, duas, três ou nenhuma ficha. As contingências estabelecidas no jogo previam que respostas cooperativas (doação de envelope com ficha[s]) emitidas por mais da metade dos integrantes de cada grupo produziram reforçadores positivos (a multiplicação por quatro do total de fichas doadas) que seriam divididos para todos os integrantes do grupo. Se mais da metade do grupo mantivesse as fichas consigo, inserindo envelopes vazios na urna, então as fichas doadas pelos demais ficariam com as experimentadoras. As fichas que cada participante acumulasse eram trocadas por itens como adesivos, chocolates e balas ao final de cada rodada. As contingências foram programadas de modo que sucessivas respostas cooperativas de mais da metade do grupo produzissem reforçadores de magnitude maior para cada um de seus membros, do que se as fichas fossem mantidas pela maior parte do grupo. Contudo, se a maior parte do grupo cooperasse, aqueles que mantiveram suas fichas (e, portanto, não cooperaram) eram duplamente beneficiados, pois além das fichas mantidas receberiam as fichas resultantes da multiplicação e divisão das doações dos demais membros do grupo. Apenas os participantes dos grupos experimentais tiveram suas respostas de doação máxima (3 fichas) consequenciadas com feedback positivo (elogio), com o intuito de analisar seus efeitos na produção de respostas cooperativas.



As doações do grupo Experimental I ficaram estáveis, sendo que em cada rodada de seis a 10 crianças dentre 12 fizeram doações máximas, enquanto as doações do grupo Controle I tiveram um significativo decréscimo, com 10 de 12 crianças fazendo doações máximas apenas na primeira rodada e, nas outras, variando de zero a seis. Já no grupo Experimental II, não se observou o mesmo efeito: de três a oito crianças fizeram doações máximas ao longo do experimento, com declínio significativo após a oitava rodada, ao passo que no grupo Controle II, três crianças doaram todas as suas fichas na primeira rodada e, nas seguintes, esse número variou entre 10 e 11. O desempenho dos grupos Experimental I e Controle I, assim como o Controle II, mostrou que as contingências manipuladas foram efetivas para a seleção e manutenção das respostas cooperativas. Com relação à efetividade do feedback positivo, a pesquisa mostrou que para as crianças menores houve um impacto significativo, o que não foi visto no grupo Experimental II, em que a resposta cooperativa não foi mantida. Os dados do grupo Experimental I revelaram um efeito maior do feedback positivo para doações do que do feedback negativo para ausência de doações, como foi utilizado em estudo anterior. Também é preciso mencionar que o controle exercido pelo grupo sobre as respostas de seus membros foi um elemento que pareceu decisivo em todos os grupos. Sugere-se que essa variável seja abordada em novos experimentos.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Cooperação; Feedback positivo; Jogo de bens públicos.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Carla Caroline Silva Bastos - Graduanda de Psicologia da Universidade Positivo-PR. E-mail: carla_s.bastos@hotmail.com

Gabrielle Camilo Xavier - Graduanda de Psicologia da Universidade Positivo-PR. E-mail: gabrielle.cx@hotmail.com

Fernanda Gutierrez Magalhães - Professora Titular do curso de Psicologia da Universidade Positivo-PR. E-mail: fergmagalhaes@gmail.com



RELAÇÃO ENTRE SINALIZAÇÃO E TEMPO DE PAUSAS EM TAREFAS DE CORRIDA

*Guilherme Lauro Hoffmann, Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira
e Fernanda Bordignon Luiz*

Durante o esquema de razão fixa (FR) geralmente é prevista a existência de pausas no responder entre a liberação do reforço e o início de uma nova série de respostas. Essas pausas durante esquemas FR atraiu atenção da comunidade científica, pois interfere na frequência da emissão de respostas e consequentemente na quantidade de reforçadores produzidos. Várias hipóteses foram levantadas para justificar a ocorrência dessas pausas, dentre elas, a procrastinação, que consiste no atraso do reforço sem diminuição do trabalho a ser realizado. Essa similaridade entre a procrastinação e as pausas torna o estudo de esquemas FR especialmente importante para a compreensão desse fenômeno. Pausas entre esquemas de reforçamento múltiplos com parâmetros fixos e diferentes exigências foram identificadas como ocorrendo em função do efeito combinado da sinalização do componente seguinte do esquema e do custo de resposta do componente imediatamente anterior. Estudos sobre esse fenômeno, entretanto, têm sido desenvolvidos quase que exclusivamente em ambientes controlados e com tarefas artificialmente construídas. No presente estudo foram avaliadas as propriedades desse fenômeno em uma tarefa cotidiana de atletas de corrida. Participaram do estudo 12 corredores da seleção de corrida da cidade de Curitiba, com idades entre 13 a 18 anos. A coleta de dados foi realizada na raia interna de uma pista de corrida oval, medindo 400m. A pista ficava a céu aberto e a coleta de dados não era efetuada concomitantemente à ocorrência de chuvas. Em cada dia de coleta, os atletas realizaram, individualmente, cinco tiros de 200m com uma pausa entre cada tiro. Os atletas foram orientados a correr a 60% ou a 90% de sua capacidade física, definido previamente por meio de calibragem com cada atleta. Em cada pausa ocorria um dos quatro tipos de transições possíveis (60% - 60%; 60% - 90%; 90% - 60%; 90% - 90%). Em metade das coletas com cada participante, a intensidade (60% ou 90%) de seu tiro era sinalizada imediatamente após a finalização do tiro anterior e, na outra metade, os atletas pausavam sem saber qual seria a intensidade do próximo tiro (pausa não sinalizada). Interações sociais foram consideradas como uma consequência da procrastinação, e por isso foram permitidas livremente durante o período de pausa. Os materiais utilizados para a coleta foram um frequencímetro cardíaco, um cronômetro controlado pelo participante para marcar o início e o fim de cada tiro e pausa, um cronômetro controlado pelos pesquisadores para garantir a fidedignidade. Na sua vez, os atletas eram livres para decidir o momento de fazer um tiro e o tempo de pausa entre o fim do tiro anterior e o início do próximo.



Três dos 12 participantes apresentaram tempo de pausa maior durante as transições previamente sinalizadas de componentes 60% para 90% e sete dos 12 apresentaram tempo de pausa maior durante as transições previamente sinalizadas de componentes de 90% para 90% e um participante não apresentou diferença entre os componentes sinalizados e não sinalizados. Com o cálculo da duração média das pausas, observou-se uma relação diretamente proporcional entre a posição ordinal do tiro e a duração da pausa. Este padrão foi apresentado se em nove de 12 participantes. O padrão de tempo de pausa durante as transições difere do observado na literatura. A duração das pausas pode ter sido influenciada pelo cansaço físico, já que quanto mais tiros executados pelo atleta em cada coleta, maior era o tempo médio da pausa. O cansaço físico observado em nove dos 12 participantes pode ter exercido influência na relação entre a duração da pausa e a transição. Outra variável que pode ter influenciado no tempo de pausa dos participantes é o histórico de treinos com tempos de pausa definidos pelo treinador, o que pode ter aproximado os tempos de pausa de um valor único, independente da regra vigente de tempo livre de pausa durante as coletas. Para estudos futuros, sugere-se que, em cada treino, para cada uma das pausas exista um número igual de cada uma das transições. As interações sociais também podem ter interferido nos resultados, pesquisas posteriores podem controlar estas interações a fim de verificar essa hipótese. Além disso, sugere-se também que, em cada treino, para cada uma das pausas exista um número igual de cada uma das transições. Ainda existe dificuldade de generalização do fenômeno estudado em laboratório para contextos aplicados, portanto, estudos futuros podem contribuir no esclarecimento de variáveis que governam comportamentos humanos, em especial nos esquemas de razão.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Pausas entre esquemas de reforçamento; Análise Experimental do Comportamento; Corrida; Atletismos; Procrastinação.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Guilherme Lauro Hoffmann - Aluno do 7º período do curso de Psicologia da Universidade Positivo. E-mail: guilherme.l.hoffmann@gmail.com

Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira - Aluno do 5º período do curso de Psicologia da Universidade Positivo. E-mail: eros.maurilio@gmail.com

Fernanda Bordignon Luiz - Professora do curso de Psicologia da Universidade Positivo. Doutoranda em Análise Experimental do Comportamento. E-mail: fernanda.luiz@up.edu.br



CONTRIBUIÇÕES DO LABORATÓRIO DIDÁTICO DE ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO NA PERSPECTIVA DE ALUNOS EGRESSOS DA DISCIPLINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Nathalin Fernanda da Silva de Almeida, Leonardo Cordeiro Svidzinski de Paulo,
Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira, Gabriela Duarte Pimentel,
Andrey Santos Souza, Fernanda Bordignon Luiz e Mariana Salvadori Sartor*

Qual a importância do laboratório didático na formação do psicólogo? Historicamente, o laboratório didático faz parte da formação de analistas do comportamento, uma vez que permite a verificação de conceitos básicos, treino à habilidade de manejar variáveis, e analisar e mensurar relações funcionais. Também é atribuído ao laboratório didático o papel de promover condições para a aprendizagem de comportamentos profissionais esperados de um cientista. Este trabalho tem como objetivo avaliar o desenvolvimento de comportamentos científicos em uma proposta de ensino de Análise do Comportamento em laboratório didático conforme depoimento de alunos egressos da disciplina. Os participantes deste relato são quatro alunos que cursaram a disciplina de Análise do Comportamento I no ano de 2017. Esta disciplina é anual e tem no total uma carga horária de 120 horas. Por meio de entrevistas foram coletados os relatos que são baseados na experiência destes estudantes dentro da proposta apresentada pela disciplina. Em seu formato atual, ela é dividida em aulas teóricas e práticas, sendo as aulas práticas realizadas em um laboratório de Análise Experimental do Comportamento. Nas aulas práticas, duas duplas utilizam um sujeito experimental da espécie *Rattus norvegicus*. As duplas de cada quarteto alternam, semanalmente, a ida ao laboratório didático durante todo o ano letivo. Diferente dos anos anteriores à 2017, no formato atual da disciplina, os alunos têm autonomia para decidir o processo comportamental que estudarão no Laboratório no segundo semestre do ano letivo. Para tal, é preciso que os alunos elaborem métodos para investigar os fenômenos escolhidos. A proposta da disciplina tem como objetivo desenvolver comportamentos profissionais tais como a autonomia dos estudantes, identificar e manejar inúmeras variáveis que afetam o comportamento, propor e aplicar projetos de intervenção. Ao final de ambos os semestres, os alunos devem reportar os resultados de seus projetos de pesquisa experimentais em um relatório no modelo de um artigo científico. No ano de 2017 foram desenvolvidos 32 projetos de pesquisa experimentais construídos e aplicados em laboratório por alunos, sendo que, foram avaliados e selecionados quatro destes projetos para apresentação na forma de comunicação oral no Congresso de Psicologia da Universidade Positivo.

Três destes foram elaborados pelos participantes deste relato: “A variabilidade comportamental em um sujeito experimental submetido ao procedimento LAG -2”; “Comportamento de pressão à barra de um sujeito experimental sob contingência de atraso de reforço em laboratório didático”; “Ensino da cadeia de respostas de segurar uma bola e passá-la por dentro de um aro a um sujeito experimental”. Ao final da disciplina os autores julgaram ter desenvolvido maior responsabilidade, resistência a frustração e repertório para lidar com as situações adversas que surgiram durante a aplicação de seus projetos, sentindo-se mais capacitados para planejar e aplicar intervenções comportamentais. Visto que a disciplina possibilita o desenvolvimento da autonomia do estudante por viabilizar a escolha do fenômeno investigado, os participantes concluíram que devido a isso houve comprometimento com as atividades propostas. Além disso, os quatro alunos egressos da disciplina, participantes desta pesquisa, em 2018 engajaram-se em atividades ligadas a Análise do Comportamento, como projetos de pesquisa, extensão universitária e monitoria nesta mesma disciplina. Assim, esta proposta de formato para o ensino da Análise do Comportamento parece possibilitar condições melhores para a aprendizagem dos comportamentos-alvo. Desse modo foi possível desenvolver aspectos importantes como planejamento e autonomia, comportamentos que estão além dos objetivos típicos da disciplina. Outros comportamentos importantes para a atuação do psicólogo também foram desenvolvidos, tal como o planejamento de intervenções, pois os alunos aprenderam a identificar e manejar variáveis que afetam o comportamento humano. Os participantes relataram que suas experiências com este trabalho viabilizaram a eles assumir uma posição ativa no seu próprio processo de aprendizagem em vez de apenas reproduzir métodos e procedimentos elaborados por outros pesquisadores. Sendo assim, o laboratório didático é um ambiente apropriado para o aprendizado de comportamentos objetivos relevantes possibilitando um aumento no repertório comportamental, bem como o aprendizado de condutas de pesquisa e descobrimento, direcionando os estudantes a uma iniciação ao contexto da pesquisa científica. Pesquisas futuras podem avaliar de forma contínua o desenvolvimento de comportamentos científicos desses egressos de forma a aferir a eficácia da nova proposta da disciplina.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise Experimental do Comportamento, Laboratório Didático, Relato de Experiência.

➤ **SOBRE OS AUTORES**

Nathalin Fernanda da Silva de Almeida - Aluna da Universidade Positivo. E-mail: nathalin28fernanda@gmail.com

Leonardo Cordeiro Svidzinski de Paulo - Aluno da Universidade Positivo. E-mail: leonardosvidzinski@gmail.com

Eros Maurilio de Oliveira Silvio Doro Pereira - Aluno da Universidade Positivo.
E-mail: eros.maurilio@gmail.com

Gabriela Duarte Pimentel - Aluna da Universidade Positivo.
E-mail: gadpimentel@gmail.com

Andrey Santos Souza - Aluno da Universidade Positivo.
E-mail: andreysouzacwb@gmail.com

Fernanda Bordignon Luiz - Professora da Universidade Positivo.
E-mail: fernanda.luiz@up.edu.br

Mariana Salvadori Sartor - Professora da Universidade Positivo.
E-mail: mariana.sartor@up.edu.br



ENSINO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL: CARGA HORÁRIA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO E COMPORTAMENTOS-OBJETIVO DERIVADOS A PARTIR DE PLANOS DE ENSINO

*Hélder Lima Gusso, Aline Battisti Archer, Thalia Rosa Bitencourt,
Gabriel de Melo Cardoso e Caio Medeiros de Oliveira*

A Análise do Comportamento é uma matriz teórica em Psicologia que possibilitou o desenvolvimento de múltiplos campos de atuação nos últimos 50 anos. Aplicações no campo das psicoterapias e do desenvolvimento atípico, na educação, nas organizações e nas intervenções sociais e culturais são hoje reconhecidas pela demonstração empírica dos resultados de intervenções fundamentadas nos pressupostos teóricos e nos procedimentos de intervenção típicos da Análise do Comportamento. Entretanto, a formação em Análise do Comportamento no Brasil, quando acessível, ocorre em carga horária insuficiente na maior parte do país. Além do grau de suficiência do ensino de Análise do Comportamento no país, outro aspecto relevante é a adequação dos objetivos de ensino de disciplinas de Análise do Comportamento em relação à própria noção de comportamento, uma vez que, de acordo com sua função, eles deveriam expressar os comportamentos a serem apresentados pelo aprendiz depois de formado. Tais objetivos de ensino na Análise do Comportamento são denominados “comportamento-objetivo”. Foram objetivos avaliar a carga horária de disciplinas de Análise do Comportamento em cursos de graduação em Psicologia nas universidades públicas brasileiras e derivar comportamentos-objetivo a partir da descrição dos objetivos nos planos de ensino dessas disciplinas. Foram obtidos planos de ensino de disciplinas obrigatórias de Análise do Comportamento de 53 cursos de graduação em Psicologia de universidades federais e de sete universidades estaduais, utilizando como parâmetro de inclusão de universidades estaduais a existência de linha de pesquisa em Análise do Comportamento na pós-graduação. Como critério de seleção das disciplinas, o nome da disciplina precisava conter algum termo ou expressão relacionado à Análise do Comportamento, como “Behaviorismo”, “Psicologia Comportamental” ou “comportamento”. A partir dos planos de ensino, foi identificada a quantidade e a carga horária de disciplinas de Análise do Comportamento e identificadas as descrições de objetivos de ensino. Tais descrições foram avaliadas a partir dos conceitos de comportamento-objetivo e de falsos-objetivos de ensino e, quando necessário, foram derivados comportamentos-objetivo coerentes com tais conceitos. Esses comportamentos foram classificados em sete categorias definidas:



a) Análise do Comportamento como área de conhecimento e campo de atuação profissional, b) fundamentos filosóficos da Análise do Comportamento, c) fundamentos históricos da Análise do Comportamento, d) fenômenos comportamentais básicos, e) fenômenos comportamentais complexos, f) Análise Experimental do Comportamento (produção de conhecimento em Análise do Comportamento) e g) Análise do Comportamento Aplicada (síntese experimental do comportamento). Foi identificado que as universidades públicas brasileiras oferecem, em média, 2,2 disciplinas de Análise do Comportamento, e carga horária de 138,8 horas, que representa 3,5% das 4000 horas de formação mínima nos currículos de Psicologia do país. A quantidade de universidades examinadas, quantidade de disciplinas e carga-horária nas regiões do Brasil ficaram distribuídas da seguinte maneira: região centro-oeste: 13 universidades, 2,8 disciplinas, 231 horas; região sudeste: 19 universidades, 2,6 disciplinas, 153 horas; região nordeste: 15 universidades, duas disciplinas, 135 horas; região sul: nove universidades, 1,8 disciplinas, 93 horas; e região norte: três universidades, 1,8 disciplinas, 83 horas. Foram identificadas 198 descrições de objetivos de ensino nos planos de ensino. Dessas, 40 descreviam comportamentos-objetivo, e quatro eram incompreensíveis. A partir das outras foram derivados 384 comportamentos-objetivo. Ao total, foram contabilizados 424 comportamentos-objetivo, classificados em sete categorias: a) Análise do Comportamento como área de conhecimento e campo de atuação profissional, com 12 comportamentos-objetivos identificados; b) fundamentos filosóficos da Análise do Comportamento, com 27; c) fundamentos históricos da Análise do Comportamento, com 12; d) fenômenos comportamentais básicos, com 54; e) fenômenos comportamentais complexos, com 57; f) Análise Experimental do Comportamento, com 155; e g) Análise do Comportamento Aplicada, com 106. Os resultados indicam que a formação em Análise do Comportamento representa pequena carga horária na formação de psicólogos no país, situação ainda mais grave nas regiões Norte e Sul. Também foi constatado que grande parte do ensino de Análise do Comportamento, pelo que consta nos planos de ensino, está mais orientado por conteúdos e não por comportamentos que o profissional deverá apresentar diante de situações com as quais lidará em sua atuação profissional. A quantidade elevada de comportamentos-objetivo que foram agrupados nas categorias Análise Experimental do Comportamento e Análise do Comportamento Aplicada sugere que os professores responsáveis pela formação de analistas do comportamento no Brasil percebem a relevância de capacitar seus aprendizes para a produção de conhecimento e para a intervenção profissional. Além disso, os aprendizes possuem pouca ou nenhuma oportunidade para avaliar a Análise do Comportamento como área de conhecimento, os seus pressupostos filosóficos, epistemológicos e o seu desenvolvimento histórico. As descobertas realizadas revelam classes de comportamentos que são ainda necessárias serem desenvolvidas ou aperfeiçoadas por meio da formação de analistas do comportamento nos cursos de graduação no Brasil.

- **PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de análise do comportamento; Comportamentos-objetivo; Programação de ensino; Programação de condições para desenvolver comportamentos.

- **SOBRE OS AUTORES**

Hélder Lima Gusso - Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: helder.gusso@ufsc.br

Aline Battisti Archer - Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: alinearherr@gmail.com

Thalia Rosa Bitencourt - Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: thalia.psicoufsc@gmail.com

Gabriel de Melo Cardoso - Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: psi.gabriel.cardoso@gmail.com

Caio Medeiros de Oliveira - Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: caio.med.ol@gmail.com



MAPA COMPORTAMENTAL COMO RECURSO PARA ORIENTAR O ENSINO DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL “COMUNICAR UMA MENSAGEM” EM UMA ORGANIZAÇÃO

Caroline Nunes Magalhães e Aline Battisti Archer

O ensino de comportamentos profissionais é uma das possibilidades de atuação do analista do comportamento em organizações. O mapa comportamental, entendido como a representação gráfica das relações de abrangência e de interdependência entre as classes de comportamentos que compõem uma classe mais geral de comportamentos, é um dos recursos que o analista do comportamento pode utilizar para ensinar comportamentos profissionais. No mapa comportamental, os comportamentos mais abrangentes são representados à esquerda e os comportamentos menos abrangentes à sua direita, possibilitando que o responsável pelo ensino identifique quais comportamentos precisarão ser ensinados para que o aprendiz seja capaz de apresentar a classe mais geral de comportamentos, com o mínimo possível de erros. Foi objetivo caracterizar o mapa comportamental como recurso para orientar o ensino de comportamentos constituintes da classe geral “comunicar uma mensagem” em contexto organizacional. Tal organização é do ramo de logística de alimentos e tem cerca de 100 funcionários. A organização possui um setor de Desenvolvimento Profissional (DP), do qual fazem parte duas analistas do comportamento responsáveis pela criação e desenvolvimento desse setor, em conjunto com um dos diretores da organização. O DP foi criado com o objetivo de desenvolver comportamentos profissionais de supervisores e de coordenadores que atuam na organização. Um dos coordenadores que participaram do DP foi um homem, com idade aproximada de 40 anos, cujo grau de escolaridade era “Ensino Médio Incompleto”. O coordenador era responsável, entre outras atividades, por gerir o desempenho de uma equipe composta por 10 funcionários que executavam atividades operacionais. Os gestores e os membros da equipe apresentavam como queixas em relação ao desempenho do coordenador: confusão nas solicitações que o coordenador realizava e ausência de feedback em relação ao desempenho dos membros da equipe. Por meio da observação direta da interação do coordenador com a equipe e com as próprias analistas do comportamento, também foi identificado que o coordenador apresentava dificuldade para organizar o conteúdo da fala, para falar de forma precisa e para estabelecer relações apropriadas entre informações, o que tornava a fala de difícil compreensão para o ouvinte.



Diante disso, a classe geral de comportamentos “Comunicar uma mensagem” foi escolhida para ser desenvolvida por meio do ensino. Para a descoberta dos comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos e de suas propriedades, foi elaborado um mapa comportamental. Para tanto, foram consultados três livros referentes à comunicação e uma decomposição da classe geral “Comunicação Assertiva”, desenvolvida por outros autores, e decomposta a classe geral com base na pergunta “o que o aprendiz precisa ser capaz de fazer para atingir esse comportamento?”. Posteriormente, os comportamentos descobertos foram organizados, no mapa comportamental, segundo seus graus de abrangência. Com base no grau de complexidade dos comportamentos e no repertório do aprendiz, foram selecionados, para serem ensinados, alguns comportamentos-objetivo constituintes da classe geral. A partir das variáveis constituintes dos comportamentos-objetivo selecionados, foram elaboradas condições de ensino para o desenvolvimento desses comportamentos. Foram descobertos 101 comportamentos constituintes da classe geral “Comunicar uma mensagem” e organizados em sete graus de abrangência. A partir dessa descoberta, foi possível selecionar, para ser ensinada, a subclasse “Planejar a emissão de uma mensagem, com base no objetivo da mensagem e nas características do receptor”, do terceiro grau de abrangência do mapa comportamental, composta por 32 comportamentos. A complexidade desses comportamentos, explicitada por meio de sua representação no mapa comportamental, possibilitou que fossem selecionados 12 comportamentos menos complexos, constituintes dessa subclasse, para serem ensinados. Os comportamentos representados no mapa comportamental orientaram a elaboração das condições de ensino, como instrução verbal e escrita em relação aos comportamentos que o coordenador precisaria apresentar antes de emitir uma mensagem a sua equipe; exercícios nos quais era requerido que o coordenador explicitasse, por exemplo, o objetivo e o receptor da mensagem; planejamento da emissão de mensagens, com base no objetivo da mensagem e nas características do receptor, e simulação do envio dessas mensagens à equipe. Além disso, o mapa comportamental também orientou o fornecimento de feedbacks ao desempenho do coordenador, coerentes com os comportamentos selecionados para serem ensinados. Os dados possibilitaram evidenciar que, no contexto da organização, o mapa comportamental é um recurso para orientar a seleção do comportamento a ser ensinado, explicitar a complexidade desse comportamento, selecionar condições de ensino coerentes com os comportamentos a serem desenvolvidos e oferecer feedback em relação ao desempenho do aprendiz, de modo coerente com os comportamentos expressos no mapa comportamental. Além disso, o mapa comportamental possibilita que o responsável pelo ensino monitore continuamente em que grau o ensino viabiliza o desenvolvimento dos comportamentos nele expressos. O mapa comportamental desenvolvido pode também servir como contribuição para auxiliar no ensino do comportamento “Comunicar uma mensagem” a profissionais em outras organizações.

➤ **PALAVRAS-CHAVE:** Mapa comportamental; Comunicação; Análise do Comportamento em Organizações.

➤ **SOBRE AS AUTORAS**

Caroline Nunes Magalhães - Psicóloga formada pela Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: nmg.caroline@gmail.com

Aline Battisti Archer - Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) - Florianópolis, SC. E-mail: alinearcherr@gmail.com



FLORIPA

FOTOS DO EVENTO



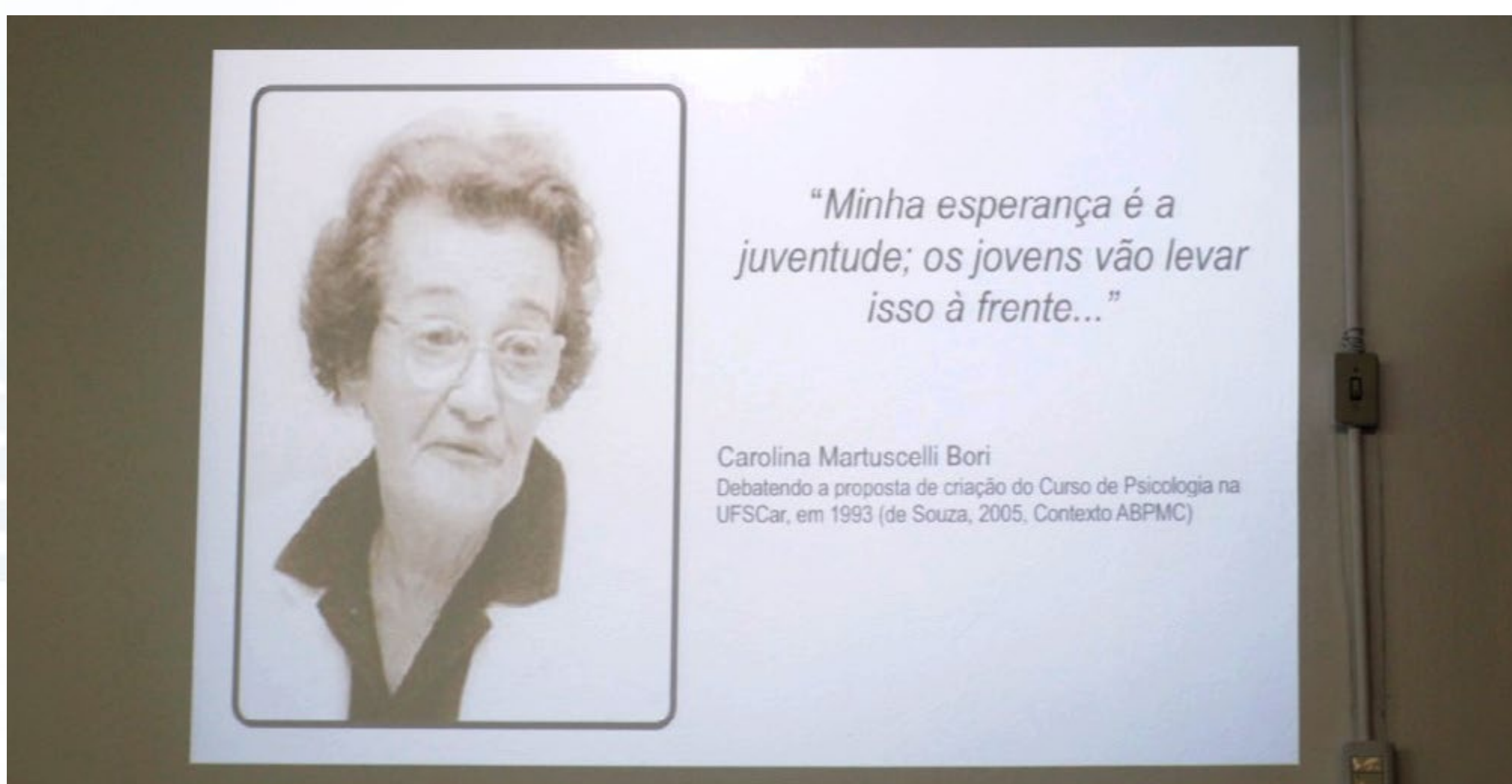
➤ FOTO REFERENTE À ENTREVISTA COM ISAÍAS PESSOTTI, REALIZADA COMO ATIVIDADE PRÉ-JAC.



➤ FOTO REFERENTE À ABERTURA DA I JORNADA DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE FLORIANÓPOLIS.



- FOTOS REFERENTE À APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM FLORIANÓPOLIS, REALIZADA PELA PROFESSORA DRA. JULIANE VIECILI, NA ABERTURA DO EVENTO.



- FOTOS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS PARA COMPREENSÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COMO UMA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA”, REALIZADA PELO PROFESSOR DR. SÍLVIO PAULO BOTOMÉ E PELA PROFESSORA DRA. OLGA MITSUE KUBO E DEBATIDA PELO PROF. DR. ISAÍAS PESSOTTI.





- FOTO REFERENTE À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E O CUIDADO A IDOSOS: GERONTOLOGIA COMPORTAMENTAL”, REALIZADA PELA PROFESSORA DRA. ANDREIA SCHIMIDT.



- FOTO REFERENTE À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “FALSAS MEMÓRIAS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO”, REALIZADA PELA PROFESSORA DRA. NATALIA M. AGGIO.



➤ FOTO REFERENTE À APRESENTAÇÃO DE PAINÉIS.



➤ FOTOS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “ESCRITA ACADÊMICA E SOFRIMENTO MENTAL: UM DILEMA CENTRAL PARA UMA VIDA ACADÊMICA SATISFATÓRIA”, REALIZADA PELO PROFESSOR DR. ROBSON NASCIMENTO DA CRUZ.





- FOTOS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “LOUCURA E PAIXÃO”, REALIZADA PELO PROFESSOR DR. ISAÍAS PESSOTTI.





- FOTOS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “A QUARTA GERAÇÃO DE TERAPIAS COMPORTAMENTAIS”, REALIZADA PELA PROFESSORA DTDA. JULIANA HELENA ABREU E DEBATIDA PELA PROFESSORA DRA. OLGA MITSUE KUBO.





- FOTOS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DA PALESTRA “ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)”, REALIZADA PELA PROFESSORA DRA. MARIA MARTHA HUBNER.



➤ FOTOS REFERENTES À ORGANIZAÇÃO DO EVENTO.



➤ FOTO DE ENCERRAMENTO DO EVENTO.



FLORIPA